

amm

AVE MARIA —

MENSAL — ANO LXXXVII — Nº 6
JUNHO 1985 — Cr\$ 2.400

**XI CONGRESSO
EUCARÍSTICO NACIONAL**

**A EUCARISTIA
EXPRESSÃO MÁXIMA
DE PROTESTO
EM UM MUNDO
INJUSTO E ALIENADO**



**EUCARISTIA:
PÃO PARA QUEM TEM FOME
PÃO PARA A FRATERNIDADE**



Direitos Humanos

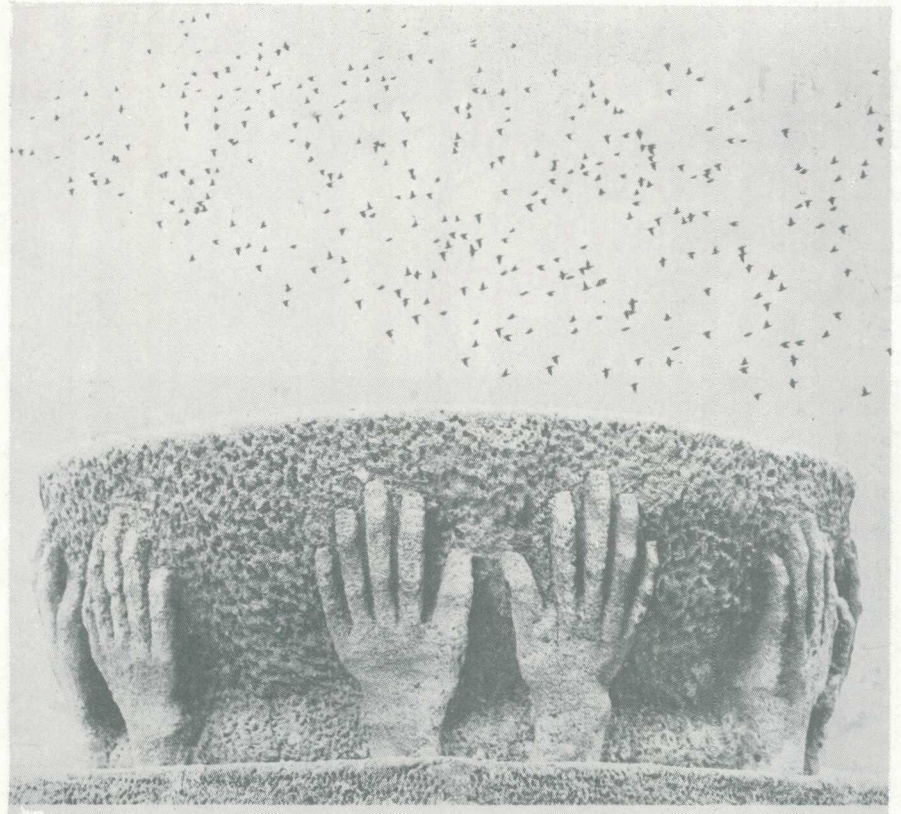
18

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, aqui apresentados, servem de subsídio para os que desejam conhecer melhor, estudar e discutir os Direitos Humanos.

ARTIGO XVIII. Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. Este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos (At 4,20).

O direito à liberdade religiosa está consagrado na maioria das constituições como um direito humano básico. A liberdade de religião significa a liberdade de ter ou adotar uma religião ou crença da própria escolha, bem como a liberdade de manifestar essa religião ou crença através do culto, da observância, da prática e do ensinamento, quer individualmente ou em comunidade com outros, tanto em público quanto em particular. A liberdade religiosa deve também incluir o direito e o dever que grupos re-



ligiosos têm de criticar os poderes governantes quando necessário, de acordo com suas convicções religiosas (*Declaração da V Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, Nairóbi, 1975*).

Todo ser humano tem direito à liberdade na pesquisa da verdade e, dentro dos limites da ordem moral e do bem comum, à liberdade na manifestação e difusão do pensamento... Pertence igual-

mente aos direitos da pessoa a liberdade de prestar culto a Deus, de acordo com os retos ditames da própria consciência e de professar a religião, privada e publicamente (João XXIII, Encíclica *Pacem in Terris*, 1963).

“Pois não se constrói uma sociedade justa sobre a injusta. Não se constrói uma sociedade que mereça o título de humana, desrespeitando e, pior ainda, destruindo a liberdade humana, negando aos indivíduos as liberdades mais fundamentais”.

(*João Paulo II aos Jovens em Belo Horizonte - 1.07.80*).

Leia também:

Mc 5,19; Lc 24,48; At 18,9; 22,15; 2 Co 4,13; 1 Pe 3,15-16; Tt 2,15 ●

PARA REFLETIR E DISCUTIR NOS GRUPOS:

1. O que é liberdade religiosa?
2. Uma vez esclarecido o significado de liberdade religiosa, perguntamos: no mundo há liberdade religiosa? E no Brasil? Onde não existe essa liberdade religiosa?

SUMÁRIO

- 4 • A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL**
A comunhão e a participação.
- 7 • ORAÇÃO OFICIAL DE PREPARAÇÃO AO XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL**
- 8 • CONGRESSO EUCARÍSTICO: PARTILHA ENTRE IRMÃOS**
- 10 • EUCARISTIA: PÃO PARA QUEM TEM FOME — PÃO PARA A FRATERNIDADE**
Quem participa da Eucaristia assume o compromisso de repartir o pão com os irmãos que passam fome.
- 11 • A EUCARISTIA, EXPRESSÃO MÁXIMA DE PROTESTO EM UM MUNDO INJUSTO E ALIENADO**
A Eucaristia: ideal de unidade para a qual o mundo está chamado, que levará à paz futura.
- 13 • AME-SE**
Quem ama a Deus e a si mesmo, extravasa esse amor para com os demais.
- 14 • UM PEDAÇO DE PÃO**
- 14 • MARIA NA PALAVRA DE DEUS**
Novena Mariana.
- 17 • SANTO ANTÔNIO, SÃO JOÃO, SÃO PEDRO**
Crenças e credências do povo, mas uma fé viva e forte.
- 19 • PROPRIEDADE PARTICULAR: UM DIREITO ABSOLUTO?**
Deus criou tudo para todos.
- 21 • LIÇÃO DE ESPERANÇA DEMOCRÁTICA**
- 22 • PESSOAS E ESTRUTURAS**
Somente homens "novos", de "espírito novo", podem mudar a face do país.
- 23 • CONSTITUINTE E POVO**
Para elaborar a nova Constituinte é preciso consciência lúcida, espírito crítico e a participação do povo.
- 26 • CORPO A CORPO**
O bem e o mal são duas forças que estão no homem e que lutam desde a criação.
- 27 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Amor — sem ele, nada funciona.
- 31 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
- 33 • SANTO ANTÔNIO**
O milagre eucarístico na vida de Santo Antônio.

CAPA:

"Logotipo do Congresso Eucarístico":
Gentileza da Editora Santuário.
"Ceia": Agradecemos a gentileza do Instituto do Coração pela cessão da réplica do cartão de Natal da Fundação Zerbini. (Foto de Hélio Cortês — Estúdio Hélio Produções.)

EDITORIAL

Ele está no meio de nós

Tomai e comei, este é o meu corpo. Tomai e bebei, este é o meu sangue".
É Jesus quem fala. É o sacramento da sua presença real. Toda vez em que se celebra com fé a aliança de Cristo conosco, e a nossa fraternalmente, institui-se o perdão e o Filho de Deus está no meio de nós.

O Pão consagrado no altar em memória de Jesus retoma as exigências do mandamento do amor e da partilha fraterna. Reforça também o novo modo de relações entre fiéis. Um modo diferente onde não existe nem servos, nem dominados, nem escravizados, mas amigos. E tem mais: os que têm autoridade e os que governam, exerçam servindo (cf. Lc 22,25ss). É o amor que se faz presente quando — ao construir o Reino de Deus — na prática o relacionamento fraterno se desprende das categorias que o egoísmo e o orgulho estabelecem em oposição: "judeus e gregos (a raça), livre e escravo (as classes sociais), homem e mulher (o machismo)" (cf. Gal 3,28).

Este ano, este mistério de comunhão e participação é revivido com intensidade no XI Congresso Eucarístico Nacional em Aparecida, SP. Várias reflexões vão nos ajudar a ampliar nossa compreensão sobre a Comunhão que redime e renova. Leia "XI Congresso Eucarístico Nacional", "Congresso Eucarístico, Partilha entre Irmãos", "Eucaristia, Pão para quem tem fome, Pão para a fraternidade", "A Eucaristia, expressão máxima de protesto em um mundo injusto e alienado" e "Um pedaço de pão".

Deus é envolvente. A verdadeira fé no mandamento do amor nos realiza e ajudamos o próximo a realizar-se na alegria. Leia "Ame-se".

Continuamos neste número com o "novenário" mariano iniciado no número anterior: "Maria na Palavra de Deus". Um subsídio preciso para a fé e a devoção mariana.

Junho é também o mês dos santos mais populares da devoção brasileira: Antônio, João e Pedro. Um trio invejável, exemplos raros de simplicidade, de coerência de fé, de compromisso fiel ao amigo Jesus: "Santo Antônio, São João e São Pedro".

Pensar e repensar sobre os hábitos, normas e leis que regem as coisas que fazemos e como fazemos, ajuda-nos a entender melhor como somos, não só no âmbito particular mas sobretudo, e o que é mais importante, no âmbito social, comunitário. Leia com atenção: "A propriedade particular: um direito absoluto?" e "Constituinte e Povo".

Já estamos no meio do ano. Urge pensar. A festa de "Corpus Christi", e todas as celebrações eucarísticas, nos convidam a arrumar nossas mesas para o jantar. Sabemos que só mesmo onde houver a comunhão e a partilha é que Ele está no meio de nós.

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP □ Composição, Fotelito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços: Número avulso: Cr\$ 2.400 - Ass. Anual: Cr\$ 24.000 - Ass. de Benfeitor: Cr\$ 40.000.

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: Vitor Pedro Calixto dos Santos, José Cristo Rey Garcia Paredes, José Wanderley Dias, Geraldo Barboza de Carvalho, Elias Leite, Fernando Torres Pérez, Isidoro De Nadai, Nildo J. Lübke, Rosana Costa Chrispim, Maria do Carmo Fontenelle, Hugo Giuriati, Antônio Joaquim Lagoa.

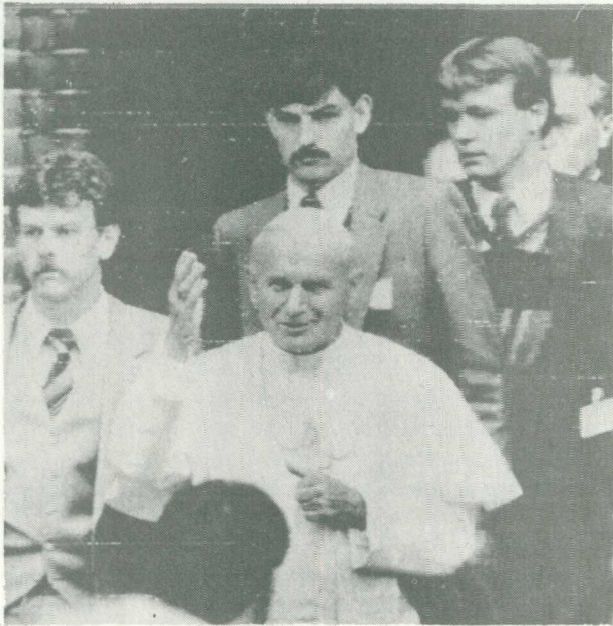
Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Atílio Cancian.

Diretor Administrativo: Sérgio Ibanor Piva.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida e Isalás Teixeira Vieira. Representantes e Promotores: Geraldo Moreira, Joaquim Dias de Castro, Stanislav Sarja, Diomar Ignácio de Aguiar, João Ferreira de Menezes e Jerônimo José de Faria. Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.



Utrecht, Holanda — João Paulo II cercado de policiais e paisana. Havia forte campanha contra a sua visita e até propaganda para matá-lo.

O Papa visita a Holanda - desrespeito e amargura

O papa João Paulo II completou 65 anos no dia 18 de maio. Nesta data ele visitava, na Bélgica, a cidade de Malinas. Todos os sinos da cidade tocaram, comemorando o aniversário. Antes disso, porém, João Paulo II visitou a Holanda onde desembarcou no dia 11 de maio. Teve uma recepção fria: apenas 3 000 pessoas foram às ruas de Haia (a Holanda tem 5,6 milhões de católicos os quais correspondem a 40% da população).

Foi uma visita amarga e tumultuada. O Papa foi submetido a vexames, sátiras e ao ridículo, inclusive com ameaças de morte; manifestações e cenas deprimentes nunca vistas antes. Grupos extremistas, contaminados por uma sociedade excessivamente permissiva, protestaram desrespeitosamente contra a posição de Roma enquanto esta se mantém contra o aborto, o homossexualismo, o divórcio, o controle da natalidade, a quebra do celibato e o sacerdócio para as mulheres. Em Utrecht, a polícia espancou e prendeu manifestantes extremistas.

Já em Bruxelas o papa João Paulo II disse que o próximo Sínodo dos Bispos, convocado para novembro em Roma, possibilitará o exame da aplicação das decisões e princípios do Concílio Vaticano II. E comentou que "pela extensão com que alguns o estudaram interpretaram ou aplicaram mal, causou-se, aqui e ali, desordem e divisão — o que não tem sido capaz de prevenir o declínio religioso". Disse também ao clero católico e a representantes não católicos que os cristãos deveriam procurar novas áreas de cooperação e esforçar-se no combate à tragédia da nova pobreza resultante da recessão econômica.

Três decisões do Episcopado Brasileiro

No final da Assembléia Geral realizada em Itaici de 10 a 19 de abril último, o Episcopado Brasileiro tomou três decisões em torno do tema central "A Liberdade Cristã e a Libertação" (que trazia o subtítulo: "A ação evangelizadora da Igreja no Brasil"): 1. Enviar aos agentes de pastoral e às comunidades numa carta-relatório do resultado a que chegaram os 19 grupos de estudo que analisaram o tema principal. 2. Enviar à Santa Sé quatro posições, isto é, quatro pontos que a Igreja no Brasil gostaria de ver inseridos no documento que a Congregação para a Doutrina da Fé prepara sobre a liberdade cristã e a libertação. 3. Pedir à Presidência da CNBB e à Comissão Episcopal de Pastoral um subsídio, que será mandado a todas as dioceses para estas entregarem às comunidades, sobre a evangelização libertadora, ou seja, sobre a Teologia da Libertação aplicada à pastoral no Brasil.

Estas três decisões mostram uma grande maturidade pastoral dos nossos bispos. Por um lado, uma ligação direta e responsável com a Sé de Pedro; por outro lado, a decisão de ver o povo envolvido na pastoral ativa e participante da caminhada da Igreja. Se digo "por um lado" e "por outro lado", não é porque os dois lados se oponham ou se distanciem; mas isto tem o sentido da necessidade de integração da hierarquia, desde o Papa ao fiel simples da comunidade de base. Esse desejo de integração era percebido claramente ao longo de todas as reflexões feitas em grupo e em plenário.

E não é outro o desejo de nossas comunidades. Querem estar íntima e vitalmente ligadas aos seus bispos, não numa atitude passiva de recebimento, mas numa disponibilidade participativa, em que fé e vida, povo e pastores formam uma unidade inteira (CIC).

Frei Clarêncio Neotti, O.F.M.

Seminário ecumênico

Curitiba (CIC) — De 22 a 27 de julho será realizado em Curitiba um seminário ecumênico nacional com o tema "Batismo, Eucaristia, Ministério — Convergência da Fé". O seminário é promovido pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), do qual fazem parte a Igreja Católica, Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, Igreja Metodista e Igreja Episcopal.

Clero feminino em crescimento

Nova Iorque (CIC) — Segundo números do Conselho Mundial de Igrejas, 7,5% do

clero dos Estados Unidos são femininos. E este número tende a crescer, pois nas muitas Igrejas dos Estados Unidos 25% dos estudantes de teologia são mulheres. Apenas a Igreja Católica não permite que mulheres tenham acesso ao clero.

Violência política

San Salvador (CIC) — O bispo auxiliar de San Salvador, dom Gregório Rosa Chávez, declarou recentemente que a violência política em 1984 causou a morte de 3.418 pessoas no país. Assegurou o prelado que a Igreja salvadorenha seguirá favorecendo o diálogo entre o governo e a guerrilha.

DECISÃO VATICANA

A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, sediada no Vaticano, expediu uma ordem de proibição a frei Leonardo Boff de pronunciar-se publicamente durante um "tempo conveniente". A condenação a um período de silêncio foi comunicada no dia 1º de maio ao Superior Geral da Ordem Franciscana, frei John Vaughn.

A notícia teve repercussão no Brasil e no exterior. Antecipando-se a possíveis interpretações equivocadas sobre sua posição diante da decisão de Roma, frei Leonardo deixou a seguinte nota antes de guardar o "silêncio penitencial":

"Por decisão de Roma estou na impossibilidade de me pronunciar em público durante um tempo conveniente. Antes de entrar nesse tipo de silêncio penitencial, parece-me oportuno deixar claras algumas posições passíveis de equívocos:

1. Declaro que não sou marxista. Como cristão e

franciscano sou a favor das liberdades e do direito de religião e da nobre luta pela justiça em direção a uma sociedade nova.

2. Reafirmo que o Evangelho se destina a todos, sem exceção. Entretanto, reconheço que este mesmo Evangelho privilegia os pobres porque eles se constituem as maiorias sofredoras e porque são os preferidos de Deus, de Cristo e da Igreja.

3. Entendo que numa situação de opressão como a nossa, a missão da Igreja deve ser, sem equívocos, libertadora.

4. Estou convencido de que as medidas tomadas a meu respeito não anulam a necessidade de, em comunhão com o magistério, se continuar avançando na elaboração de uma autêntica Teologia da Libertação.

5. Caberá doravante às instâncias competentes fornecer maiores informações."

Assina: frei Leonardo Boff.

AVISO AOS ASSINANTES

Estimado Leitor Assinante.

Queremos com esta nota lembrá-lo dos avisos que foram feitos nas edições da Ave Maria de dezembro de 84 e janeiro de 85 sobre os preços das assinaturas anuais.

Como todos sabem, e também foram prevenidos, o preço da anuidade da Revista AVE MARIA a partir de 1º de junho é de Cr\$ 24.000.

Como é do conhecimento do Leitor, a Revista AVE MARIA não visa lucro; mas, se os custos, que nos pressionam pelas constantes altas de preços do material gráfico, não forem cobertos, a Revista brevemente deixará de existir.

V.S. poderá mandar o pagamento da anuidade por simples carta (um cheque, pagável em São Paulo, em nome da Revista AVE MARIA) ou Vale Postal feito no Correio da sua cidade.

Mantenha em dia o pagamento de sua assinatura; ela é uma maneira concreta de Você participar.

A Direção

Avisamos os assinantes de Pouso Alegre, MG, que procurem pagar a Revista AVE MARIA à zeladora Gilda Silva — Rua Silviano Brandão, 512, fundos — Tel.: 421-1556.

Avisamos também os assinantes de Silvianópolis, MG, que paguem suas assinaturas da Revista AVE MARIA à Irmã Liliam de Castro.

Bênção de S. Francisco a frei Leonardo Boff

(Poema de Pedro Casaldáliga)

"Que diria meu compadre São Francisco a seu filho Leonardo Boff nesta hora de provocação?

— Irmão Leonardo, teólogo da graça libertadora, pelo desígnio do Pai:

mesmo não sendo muito conforme com o Evangelho da liberdade dos filhos de Deus, esta maneira vaticana de tratar os irmãos da fé, tu, irmão Leonardo, em memória e seguimento de Nosso Senhor e Libertador Jesus Cristo, que se fez obediente até à morte e morte de cruz, obedece com humor de irmão do Reino.

Sê, por uns dias, em fecunda sementeira, teólogo do silêncio do Verbo.

Partilha em profundidade o mistério dos pobres, que não têm voz,

nem vez

na Igreja.

Teu livro, tão temido

— agora revestiu-se de mais próximas razões.

Escuta,

em silêncio maior,

o grito dos oprimidos

que brota deste continente da morte e da esperança

e o canto novo que já rompe das aldeias, dos campos e das cidades.

A mulher, quando deu à luz, esquece as dores que sofreu no parto, feliz

por ter entregado um novo filho ao povo.

A noite vai passando

e o dia se aproxima.

Apronta,

na vigília,

as vestes da nova luz.

E o vento livre do mar de Tiberíades

e as aves evangelizadoras

do monte das bem-aventuras

invadirão, para alegria dos pobres,

todo o âmbito da Igreja de nosso salvador Jesus.

Paz e bem, irmão Leonardo.

Toda a irmandade te acompanha,

na oração da fé,

com as serestas impacientes da esperança

e na rebelde fidelidade dos adultos

responsáveis pelo Reino de Deus.

Profeta escolhido de tantas palavras luminosas,

sê, por um pouco tempo,

profecia calada...

e o teu coração experimentará a perfeita alegria.

Para a glória do Pai

que nos criou livres,

na Páscoa do Filho que com seu sangue

nos libertou de todo cativeiro.

E na consolação do Espírito Santo,

que é o selo vivo da nossa liberdade,

amém, aleluia".



XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Aparecida - SP — 16 a 21 de julho de 1985

O QUE É UM CONGRESSO EUCARÍSTICO

É um tempo especial de proclamação pública e solene de nossa fé e uma celebração solene da Eucaristia, aprofundando o conhecimento e a vivência do Mistério de Cristo e promovendo o bem social a que a Eucaristia nos leva.

— É uma grande reunião cristã, onde os esforços dos teólogos e dos pregadores se somam a uma participação alegre, festiva e piedosa dos fiéis, para que todos possam aprofundar seus conhecimentos e seu amor à sagrada Eucaristia, o sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, que se nos apresenta nas aparências de pão e de vinho.

— Assim como, cada ano, todas as paróquias se enfeitam para comemorar, com a maior solenidade, a festa do Corpo de Deus (Corpus Christi), os Congressos Eucarísticos, nacionais e internacionais, procuram levar cada país ou o mundo todo a conhecer, celebrar e receber o Sacramento, que o grande Santo Tomás de Aquino chamou de “Pão vivo que dá vida”.

ORIGEM

Desde séculos já havia na Igreja o costume de prestar culto público ao Santíssimo Sacramento: Bênção do Santíssimo, Hora Santa, Procissões Eucarísticas... No século XIII aparece uma das festas mais solenes da Igreja, em louvor ao Santíssimo Sacramento, a festa de Corpus Christi.

O primeiro Congresso Eucarístico Internacional, no entanto, surgiu na França, na cidade de Lille, em 1881. Era uma espécie de encontro para oração e manifestação pública e solene de fé em Jesus na Eucaristia. Teve a aprovação de Leão XIII e foi promovido por Maria Marta Emília Tamisier, com a colaboração dos padres sacramentinos.

Os papas, desde o início, têm aprovado e abençoado esses movimentos.

Inicialmente o que mais se visava era o culto público e solene, a adoração a Jesus Eucarístico. Passou-se, numa segunda etapa, a ressaltar a Eucaristia como fonte e ponto central da vida cristã. Nos últimos tempos, com o despertar da consciência social e com a percepção dos problemas que afligem o mundo moderno, os Congressos Eucarísticos começaram a focalizar, além da sua finalidade, também os aspectos sociais. A Eucaristia aparece como Mistério de unidade e de fraternidade, razão e fundamento da partilha entre irmãos. Eles sempre apresentam um tema para a reflexão, para ser desenvolvido, estudado e vivenciado.

CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL

A partir de 1881, os Congressos Eucarísticos se multiplicaram em âmbitos diocesanos regionais, nacionais e internacionais.

Até hoje celebramos 42 Congressos Eucarísticos Internacionais, em todas as partes do mundo.

O Brasil foi sede do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, em 1955, acontecido no Rio de Janeiro.

O último Congresso Eucarístico Internacional foi celebrado em Lourdes, em 1981; ocasião em que o Papa não pôde comparecer por ter sido vítima de um atentado. O próximo Congresso Eucarístico Internacional será celebrado em Nairóbi, capital do Quênia, na África, em agosto de 1985, pouco depois do Congresso Eucarístico Nacional em Aparecida.



CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Por ocasião da comemoração do 50º aniversário do primeiro Congresso Eucarístico Internacional de Lille, os bispos brasileiros resolveram celebrar esse acontecimento com o primeiro Congresso Eucarístico Nacional, que só veio a se realizar no Ano Santo de 1933, em Salvador-Bahia.

Já celebramos no Brasil 10 Congressos Eucarísticos Nacionais:

- 1º Em Salvador - Bahia
— setembro de 1933
- 2º Belo Horizonte - Minas
— setembro de 1936
- 3º Recife - Pernambuco
— setembro de 1939
- 4º São Paulo - SP
— setembro de 1942
- 5º Porto Alegre - RS
— agosto de 1948
- 6º Belém - Pará
— agosto de 1953
- 7º Curitiba - Paraná
— maio de 1960
- 8º Brasília - DF
— maio de 1970
- 9º Manaus - Amazonas
— julho de 1975
- 10º Fortaleza - Ceará
— julho de 1980

XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

OXI Congresso Eucarístico Nacional terá sua sede em Aparecida, no Santuário Nacional, entre os dias 16 a 21 de julho de 1985.

Foi uma oferta do Sr. Arcebispo de Aparecida, dom Geraldo Maria de Moraes Penido, acolhida pelos bispos brasileiros, em razão de Aparecida ser o maior centro nacional de peregrinações.

Será um Congresso eminentemente popular, pois Aparecida é procurada pelo povo em grande massa, que aqui vem para rezar e agradecer a proteção de Nossa Senhora Aparecida. E como no Brasil as diferenças sociais são gritantes e o problema da fome é crescente, foi escolhido para as reflexões e celebrações o lema: "Pão para quem tem fome", dentro do Tema Geral: "Magnificat", o projeto salvífico de Deus, cantado pela Virgem Maria.

Aparecida está localizada na região mais povoada do Brasil, entre as três maiores cidades — São Paulo — Rio — Belo Horizonte. É uma cidade de fácil acesso e, apesar de pequena, está acostumada a receber anualmente milhões de peregrinos.

O interior de seu Santuário comporta mais de 50 mil pessoas. Com amplo espaço para estacionamento, com infra-estruturas que possibilitam um bom atendimento e com uma esplanada que comporta mais de um milhão de pessoas, Aparecida acolherá com carinho todos os peregrinos que aqui vierem.

O QUE SE ESPERA DE UM CONGRESSO?

— **E**speramos primeiramente que todos os fiéis cresçam no conhecimento da Eucaristia, nos seus diversos aspectos.

E já que o amor é a força que rege o mundo — "o amor é mais forte que a morte" —, esperamos, como resultado positivo, uma abertura dos corações para o "amor social", que nos leva a olhar primeiramente o bem comum, a causa da comunidade, da paróquia e da Igreja Universal, e só depois os interesses particulares.

Como o amor de Cristo abraçou o mundo inteiro e a caridade não conhece limites, esperamos que os membros de Cristo, que são todos os cristãos, se abram também à caridade, até abraçarem o mundo inteiro! (Myst. Fidei, 71).

ORAÇÃO OFICIAL DE PREPARAÇÃO AO XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

Senhor Jesus Cristo, Vós vos fizestes Pão na Eucaristia para reunir numa só família todos os filhos de Deus. Dentro de pouco, na Casa de vossa Mãe, em Aparecida, unireis os irmãos na celebração do XI Congresso Eucarístico Nacional. Desejais, sem dúvida, que vivamos o compromisso do Evangelho através da fraternidade e do amor em cada dia da vida.

Agradecemos com Maria e por Maria todas as coisas maravilhosas que recebemos. Nossa Pátria nasceu aos pés do Altar, na celebração eucarística. E assim o Brasil caminhou sempre à luz da Eucaristia. Por isso, louvamos vossa bondade e misericórdia a exaltar os humildes e saciar os famintos com o Pão da vida eterna.

Possuímos a vocação da Eucaristia. Entre nós, porém, muitos passam fome de pão. Muitos sofrem com o ódio e o egoísmo e padecem com a violência e as lutas fratricidas. Não poucos perpetram a injustiça e cometem o pecado!

De tudo vos pedimos perdão, Senhor!

Unimo-nos à Mãe Santíssima que partia convosco o "pão de cada dia" em Nazaré. Reunidos por Maria na celebração da Eucaristia, fonte de unidade e de amor, queremos partilhar com todos a felicidade que todos desejam. Queremos converter-nos para "dar o pão a quem tem fome" e assim construir a civilização do amor.

Para superar ódios e desavenças, iluminai-nos a inteligência na descoberta dos caminhos da fraternidade. Renovai-nos para que nos abramos à justiça, ao diálogo e à paz. Dai-nos o desapego para colocar em comum o que temos e conviver num só coração e numa só alma. Celebraremos, deste modo, a verdadeira comunhão e já na terra teremos o vosso Reino.

Maria, Mãe de Jesus, por vossa Imagem de Padroeira e Rainha, ajudai-nos a viver o que cantastes no "Magnificat": "Deus fez em nós grandes coisas".

Amém!

Congresso Eucarístico - partilha entre irmãos

1 - O TEMA

Foi escolhido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como tema do XI Congresso Eucarístico Nacional, o MAGNIFICAT de Nossa Senhora. Naturalmente, porque o Magnificat faz lembrar o local do Congresso — Aparecida — trono da Rainha do Brasil; e, obviamente, porque no Hino do Magnificat se encontra certa conotação com o Lema do Congresso: PÃO PARA QUEM TEM FOME, no versículo: “Encheu de bens os famintos”.

O Magnificat descreve o misterioso encontro entre duas mães: a Mãe do Messias e a Mãe do Precursor. Nele aparece como os pobres e os humildes são socorridos por Deus, em detrimento dos ricos e poderosos. Maria é colocada entre os humildes, como Escrava do Senhor; e, por isso, Deus a exaltou esplendidamente: “Fez em mim grandes coisas o Todo-Poderoso”. Como consequência, todas as gerações a chamariam de bem-aventurada.

O Magnificat, sendo o cântico por excelência de Maria e a sua oração privilegiada, converteu-se também no cântico preferido dos fiéis e na oração universal de toda a Igreja.

2 - O LEMA

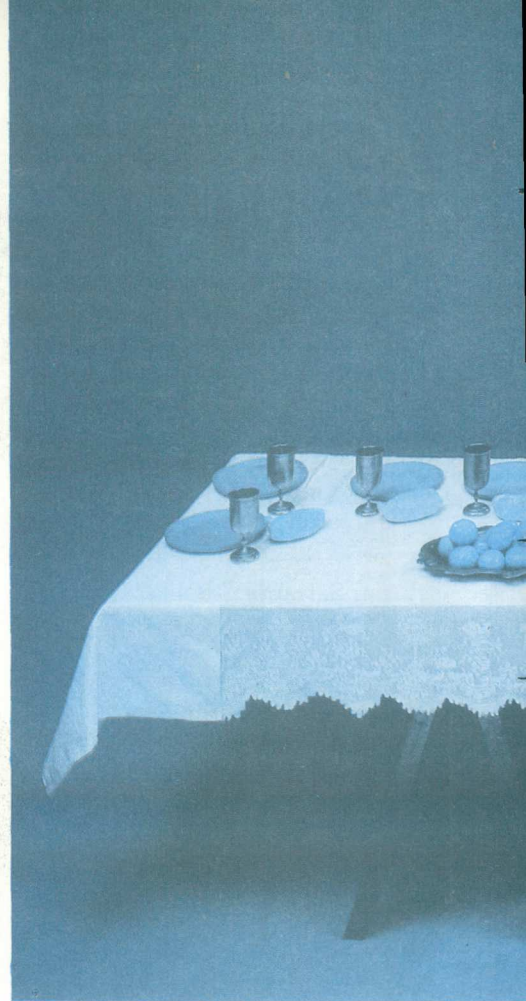
A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil escolheu, tanto para o XI Congresso Eucarístico Nacional como para a Campanha da Fraternidade de 1985, o Lema único e idêntico: “PÃO PARA QUEM TEM FOME”.

Verificamos que a fome tem sido uma constante, um fato concreto, nos últimos anos, no vasto cenário de nossa Pátria. A crise econômica e financeira pela qual o País está passando, gerando a recessão e o desemprego, reflete negativamente na vida particular da família brasileira, mormente na dos pobres.

A fome avassala a periferia das grandes metrópoles e atinge os arredores das cidades pequenas. Ela se instala por toda parte. É uma realidade flagrante. Eis a razão da escolha deste lema tanto para a Campanha da Fraternidade quanto para o XI Congresso Eucarístico Nacional.

Jesus Cristo, durante a sua curta trajetória por esta terra, em várias ocasiões saciou a fome das multidões. “Tenho compaixão deste povo” foi a sua expressão. E Jesus quis oferecer ao povo não só o alimento material, mas o Pão da Vida eterna — o Pão Eucarístico.

Por isso, a Igreja no Brasil quer proporcionar, através da C.F. e do CEN, a partilha entre irmãos para que não haja mais famintos entre nós e saciar a fome existencial, a fome de Deus, através da Eucaristia.



3 - LOGOTIPO

O logotipo é como que a marca registrada do Congresso, o seu timbre ou selo característico. Aparece em todas as publicações do Congresso.

O significado do logotipo do Congresso de Aparecida é o seguinte: A intensa luz do amarelo central, partindo da imagem, simboliza a luz da fé, a riqueza espiritual.

É redondo por causa da forma da hóstia. A mesma forma, vibrando em círculos concêntricos, dá a idéia de infinitas ondas que vão além fronteiras.

As cores verde e amarela são símbolos da nacionalidade. O amarelo e o branco, cores da bandeira pontifícia, símbolo do catolicismo. A figura de Nossa Senhora Aparecida está no coração do Brasil, protegendo a Pátria.

O ramo de trigo é estilizado. A haste reta aponta o centro. Da haste saem os grãos, em número par, também estilizado, tendo como complemento os filamentos que abraçam a imagem, no sentido de súplica. Parecem mãos implorando proteção. A cor do vinho aparece misturada ao sombreado do trigo (observe na foto colorida da capa) e se difunde também em círculos concêntricos.

MAGNIFICAT

*“Minha alma glorifica ao Senhor,
meu espírito exulta de alegria
em Deus, meu Salvador,
porque olhou para sua pobre serva.*

*Por isto, desde agora,
me proclamaram bem-aventurada
todas as gerações
porque realizou em mim maravilhas
aquele que é poderoso e cujo nome é Santo.*

*Sua misericórdia se estende,
de geração em geração,
sobre os que o temem.*

*Manifestou o poder do seu braço:
desconcertou os corações dos soberbos.*

*Derrubou do trono os poderosos
e exaltou os humildes.
Saciou de bens os indigentes
e despediu de mãos vazias os ricos.*

*Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
conforme prometera a nossos pais,
em favor de Abraão e sua posteridade,
para sempre.”*

(Luc 1,46-55)



A LETRA DA MÚSICA

*Autor: Pe. Lúcio Floro
Diocese de Santos - SP.*

1. Nessa curva do rio, tão mansa,
Onde o pobre seu pão foi buscar,
O Brasil encontrou a Esperança:
Esta Mãe que por nós vem rezar!

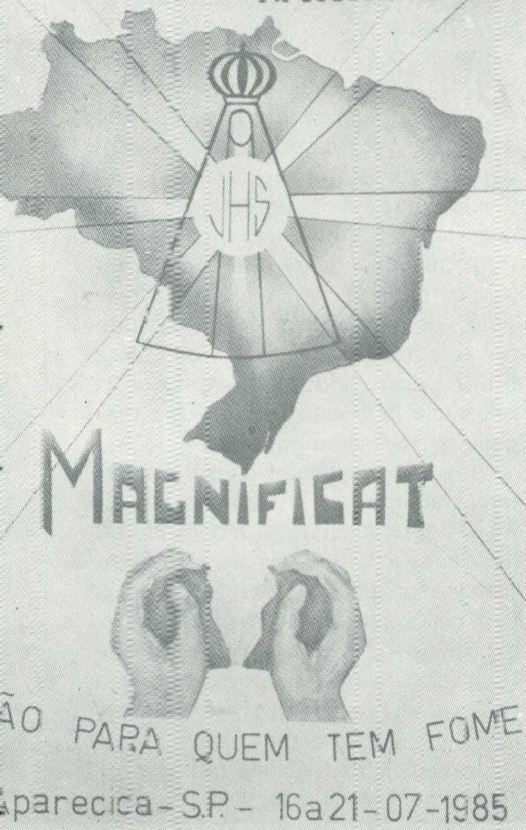
**Refrão: O mistério supremo
do Amor**

**Com Maria viemos cantar!
A nossa alma engrandece
o Senhor!**

**Deus que salva, hoje é Pão,
neste altar!**

2. Nosso altar tem um jeito de mesa,
E aqui somos um só coração.
Que esta Festa nos dê a certeza:
Não teremos mais mesa sem pão!
3. Quando o vinho faltou, foi Maria
Que em Caná fez a prece eficaz.
Nosso povo aqui veio e confia:
Quer seu pão, e ter Voz e ter Paz.
4. Há soberbos no trono com tudo...
E há pobres sem nada no chão...
Deus é Pai! Ela é Mãe!
Não me iludo:
Não és rico, nem pobre, és irmão!

XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL



4 - O CARTAZ

A autora é Irmã Maria José Teixeira, Religiosa Sacramentina, de Taubaté, SP.

O cartaz — diz ela — foi inspirado num trecho da alocução de João Paulo II, no "Angelus" de 5/6/83.

No fundo está o mapa do Brasil, nos seus contornos gerais.

No centro dele está a figura de Nossa Senhora Aparecida.

Do coração de Nossa Senhora brota uma Hóstia grande, simbolizando Maria como a original Matriz, que preparou aquela Carne e aquele Sangue de seu Filho Jesus Cristo, antes de serem oferecidos como dom aos homens.

Da Hóstia partem raios de luz em direção a todos os quadrantes do Brasil, ultrapassando as suas fronteiras.

Embaixo, encontra-se a palavra "MAGNIFICAT" com o "M" característico do papa João Paulo II.

Na parte inferior do cartaz, estão duas mãos partindo o pão, num gesto de ajuda fraterna, ensejando o lema do Congresso: "Pão para quem tem fome", que aparece por extenso no cartaz.

INFORMAÇÕES

SÍNTESE DO PROGRAMA

Terça-feira, 16 de julho —
Abertura do Congresso
Quarta-feira, 17 de julho — Dia das Crianças
Quinta-feira, 18 de julho — Dia dos Consagrados
Sexta-feira, 19 de julho — Dia da Juventude
Sábado, 20 de julho — Dia da Família
Domingo, 21 de julho — Dia dos Peregrinos
Haverá celebrações do tema do dia pela manhã, missa concelebrada à tarde e espetáculos culturais e artísticos à noite.

PEDIDO DE INFORMAÇÕES:
XI Congresso Eucarístico Nacional
Basilica Nacional
Caixa Postal 71 - CEP 12.570
Telefone: (0125) 36-2144
Aparecida, SP

EUCARISTIA:

Pão para quem tem fome - Pão para a fraternidade

Pe. Vítor Pedro Calixto dos Santos

Durante toda a Campanha da Fraternidade ecoou em nossos ouvidos o *slogan*: “Pão para quem tem fome” que pretendia criar em todos nós, cristãos, uma maior consciência do grave problema da fome no Brasil e no mundo, de modo a criarmos meios, estratégias para minorar os efeitos funestos de situação tão alarmante.

Com este mesmo pensamento e busca nós vemos se aproximar o XI Congresso Eucarístico Nacional que será realizado em Aparecida do Norte (SP) de 16 a 21 de julho e que traz como tema o Magnificat de Maria — “Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” (Lc 1,53).

Podemos perceber a íntima relação entre a Campanha da Fraternidade e o XI Congresso Eucarístico Nacional — o principal problema a ser combatido é a fome de milhões de irmãos de nosso País e do mundo. Surge para todos nós uma pergunta: como resolver esta situação? A resposta aparece quando nos voltamos para aquilo que nos une mais do que tudo neste mundo — a participação no mesmo pão que é a Eucaristia que celebramos a cada dia ou cada domingo em nossas comunidades, e que é sinal do pão que sustenta a vida de todos os homens, o pão que dá sobrevivência à família humana.

Desde o início da Igreja, as comunidades cristãs viveram desta verdade — a união no mesmo pão partido e repartido — “Como este pão partido, disseminado sobre as montanhas e reunido tornou-se um, assim também que tua Igreja seja reunida das extremidades da terra no teu Reino” (Didaqué 9,4). Este texto do catecismo dos primeiros cristãos já expressa através de uma comparação bastante significativa a verdade sobre a Eucaristia que nos cabe hoje acatar e viver. O pão partido, a Eucaristia, é o resultado da união dos



grãos antes semeados e que se tornaram um só pão; todos os homens que dele se fartam se tornam um só corpo, se tornam necessariamente fraternos e solidários.

Isto nem sempre é claro para nós que, acostumados com as celebrações eucarísticas, não percebemos a sua profundidade e caímos nos erros da divisão, da distinção e, quem sabe, até da marginalização. Por isso é que Paulo exorta com energia a comunidade de Corinto: — “Não podemos ser idólatras; o pão que partimos é comunhão com o corpo de Cristo”. E continua: “E já que há um só pão, nós, embora sendo muitos, somos um só corpo, pois participamos desse único pão” (1 Cor 10,14 ss). Quando não distinguimos o Corpo do Senhor na Eucaristia, não podemos também distinguir na comunidade um único corpo e nisto nasce a contradição existente em nosso meio, contradição que a Campanha da Fraternidade e o Congresso Eucarístico querem mostrar — quando se participa da Eucaristia não se pode deixar de dar o pão a quem tem fome e muito menos manter uma ordem de injustiça em nossas comunidades sem o risco de

“se reunir para a condenação” (1 Cor 11,17-34).

É por tudo isso que nós estamos percebendo que hoje um Congresso Eucarístico, longe de ser um momento triunfalístico, deve ser uma hora de graça em que a Igreja e cada comunidade podem aprofundar e aprender a celebrar a Eucaristia — pão partido para um mundo novo, pão partido para a fraternidade, pão para quem tem fome. Hora de graça em que os cristãos podem sentir a presença de Maria, que com seu hino nos traz à lembrança que nosso Deus é um Deus que faz maravilhas porque sacia de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias.

Resta-nos agora preparar e viver intensamente esta hora de graça — o XI Congresso Eucarístico Nacional — Magnificat — Pão para quem tem fome. Deus não quer ninguém sem o pão necessário para sua sobrevivência; quer que pelas nossas mãos, que repartiram o pão da Eucaristia, seja repartido o pão para sustentar nossos irmãos que passam fome.

Este é o compromisso que assume cada cristão ao participar da ceia do Senhor. ●

A Eucaristia, expressão máxima de protesto em um mundo injusto e alienado

José Cristo Rey Garcia Paredes

A Igreja, em sua história, tem tomado consciência de que está a serviço da humanidade.

Ela tem visivelmente presente, de um modo eminente na Eucaristia, a unidade ideal para a qual o mundo está chamado: a paz futura.

Às vezes me pergunto pelo sentido humano e social de nossa celebração diária e dominical da Eucaristia, busco uma justificação dessas múltiplas perspectivas, e fico indeciso com um justificado receio: Que proclamam nossas Eucaristias quando nos vemos imersos num mundo que cerceia a liberdade, a dignidade humana, numa humanidade que nega a Deus para afirmar o homem? Celebra-se a Eucaristia dia após dia, em diferentes ambientes sociológicos, e vemos que nosso mundo está prestes a converter-se num inferno e nos encontramos precisamente neste caminho.

Falar de "Eucaristia como expressão máxima de protesto num mundo injusto e alienado" pode ser ambíguo, mas não deixa de ser eficaz. A ambigüidade surge no momento em que consideramos esta expressão como suprema profanação do mistério central da Igreja ou vemos nela o último passo rumo a um horizontalismo dessacralizador. Pessoalmente, creio que a Eucaristia tem que suportar uma carga de "contestação" global e concreta, embora afaste toda instrumentalização demagógica e toda redução do valor universal da Eucaristia a um só aspecto. Se é que a Eucaristia tem que se encarnar em

cada comunidade e ser expressão de sua vida, de seus anelos e esperanças, de seus temores e rejeições, então deverá tornar-se patente nela toda esta dimensão que poderíamos definir como contestação profética e política com relação a indivíduos, grupos humanos ou sociedade. Sem dúvida, a Eucaristia não pode ser considerada um *modo a mais* de protesto. Ela é o protesto máximo.

DOIS PERIGOS

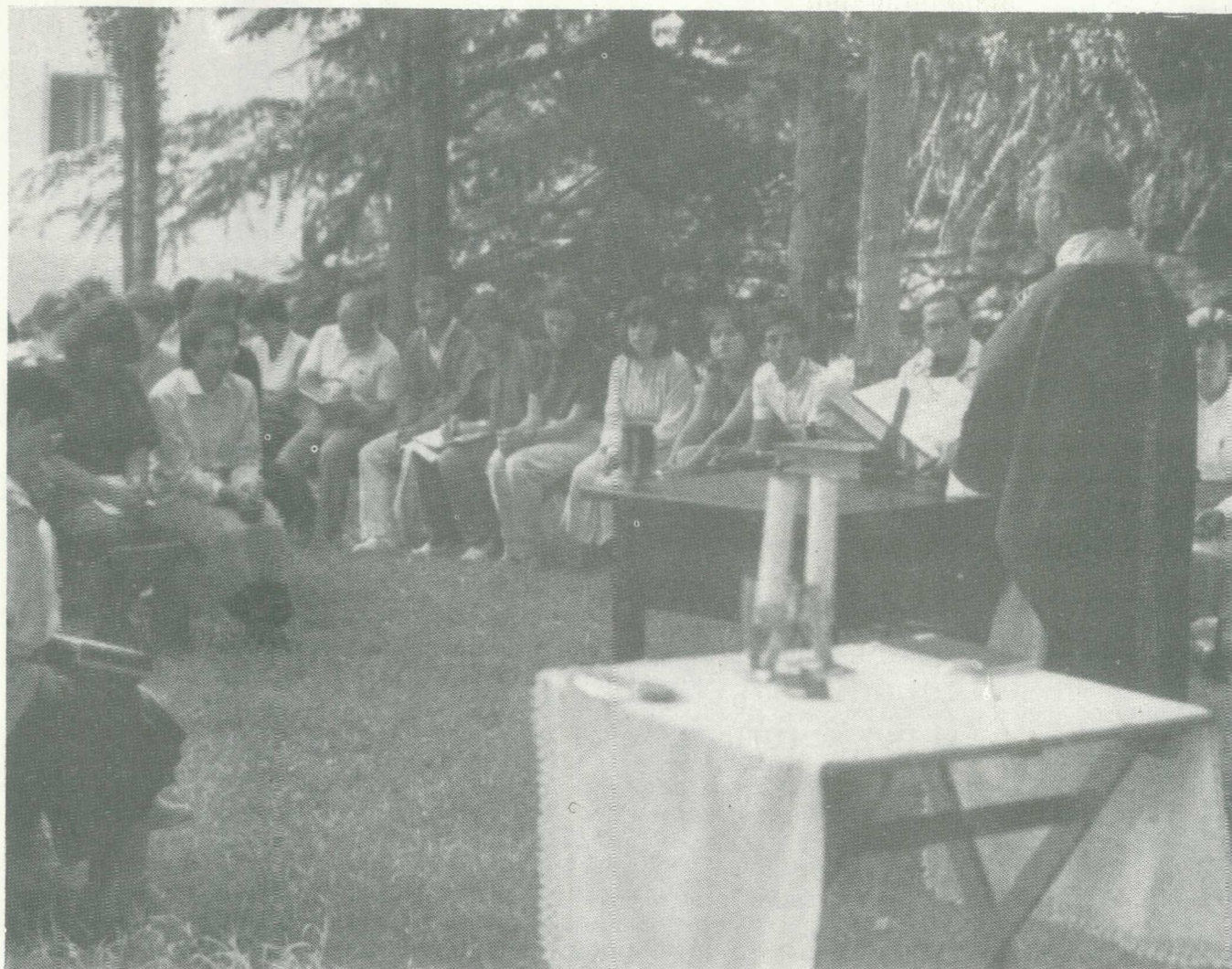
Muitas vezes nossa Eucaristia tem resultado em *ritualismos alienantes*, que justificaram a evasão dos compromissos concretos perante o mundo. Na realidade, a Eucaristia não afasta o cristão de seu empenho pelo mundo, não prega uma resignação inativa. Mas não é menos certo que nos espreita o perigo do horizontalismo, que nos leva a esquecer que na celebração *concreta* da Eucaristia somente diante de Deus (só diante Dele!) o mundo pode sentir-se julgado e que nossas relações humanas não podem reduzir-se ao meramente sociológico, pois há um elemento transcendente vertical que fundamenta nossa fraternidade humana, ao sentirmos todos chamados a formar a comunidade do Reino, apesar de todas

as barreiras ideológicas e sociais. Estes dois aspectos de alienação na celebração sacramental podem surgir, não daquilo que julgo o núcleo de nossa fé na Eucaristia, mas do *modo* concreto de celebrá-la. Não se pode esquecer aquele princípio teológico de que "os sacramentos foram instituídos para o homem" (*sacramenta propter homines*).

REALIDADE DA EUCARISTIA

A graça específica da Eucaristia não é a união *individual e particular* de cada comungante com Cristo, mas a *comunhão eclesial*, a inserção mais profunda no mistério da Igreja, enquanto Corpo de Cristo. Por conseguinte, a Eucaristia é o grau supremo de realização e atualização da essência da Igreja. Na Eucaristia a Igreja tem presente o sacrifício redentor de Cristo, que destrói radicalmente o mal no mundo, derruba as fronteiras que separam os homens, os grupos humanos, e orienta para o Reino escatológico do amor, da justiça e da paz.

Por outro lado, os que participam na Eucaristia não são indivíduos isolados ou desentrosados da realidade, mas formam parte, isto sim, de uma *sociedade determinada*, assinalada por virtudes e pecados, enraizada num âmbito de graça e de pecaminosidade, afetada por suas tentativas de convivência fraterna e por suas injustiças. Os que participam na Eucaristia são Igreja e constituem uma Igreja local, concreta. Enquanto Igreja, tornam visível na celebração eucarística algo que lhes pertence intrinsecamente e que ao mesmo tempo os transcende enquanto homens de uma sociedade: o Mistério de Cristo, que é o Mistério do



Mundo Futuro, em aberta contra-
posição a este mundo alienado, er-
rante e contraditório.

A EUCARISTIA COMO DENÚNCIA E PROTESTO

A Igreja, em sua história, tem tomado consciência de que está a serviço da humanidade. Ela tem visivelmente presente, enquanto Corpo de Cristo (de um modo eminente na Eucaristia), a unidade a que o mundo foi chamado, a paz que constituirá seu futuro definitivo. Hoje assistimos à sacralização e secularização do mesmo conceito de Reino de Deus, mas temos que afirmar honestamente que, sem a presença da Igreja, o mundo não saberia o que na realidade está procurando, quando deseja ardentemente unidade, paz, liberdade: a Igreja — a Eucaristia — é o veículo da libertação radical, da unidade

indestrutível, é o sacramento do futuro escatológico e transcendente do Mundo. Esta escatologia vitoriosa e otimista constitui o núcleo da celebração eucarística.

A Eucaristia é, portanto, Sacramento do Mundo e expressão máxima de protesto contra um mundo injusto e alienado. A graça da Eucaristia é o que constitui a comunidade, a Igreja, caracterizada pela fraternidade universal que supera toda divisão, barreira, marginalização...

A Eucaristia denuncia com seu Mistério as situações injustas do mundo, proclama um ideal de liberdade, paz e unidade, que só em Cristo tem a sua origem. Mas sua denúncia não pára no superficial das expressões humanas e sociais, mas chega até a própria raiz de toda injustiça: é o máximo protesto contra o pecado, enquanto atitude anti-Igreja. A Eucaristia deve ainda encarnar-se em cada ambiente, segundo as peculiaridades nas quais cada igreja local vive.

É necessário, portanto, que sua denúncia seja *concreta*: que trate de construir a comunidade eclesial, detectando e condenando os elementos dissolventes e causadores de injustiça a todos os níveis. Uma configuração distinta da Eucaristia seria fazer dela um rito a-temporal e alienante. O modo concreto de realizá-lo exige que a comunidade cristã tenha uma maturidade, que hoje talvez não seja comum. A Eucaristia não pode ser o símbolo eficaz da unidade diante de uma comunidade dividida, ou numa comunidade não existente, embora todos levemos o sobrenome de católicos.

Seja como for, não se pode esquecer que existe um hiato entre o mundo escatológico do Reino, que a Eucaristia proclama, e o processo da evolução social. A denúncia e o protesto da Eucaristia transcendem o puramente social.

(Jose Cristo Rey Paredes é sacerdote claretiano, Diretor do Estudo Claretiano de Comenar Viejo (Madrid) e professor do "Studium Theologicum" de Curitiba, PR).



Ame-se

Geraldo Barboza de Carvalho

É impossível um coração que Deus ama e que se ama, não transbordar, não extravasar para os demais: pessoas e criaturas.

A definição mais fascinante de Deus nos foi dada por João Evangelista: “Deus é amor”. Os escritos do apóstolo são verdadeiros hinos ao terno e misericordioso amor de Deus por nós. E, para tornar esse amor mais real, ao alcance da mão, Jesus revelou bem claro que ele nos ama como Pai. “O Pai me ama e vos ama também, permaneci em mim como eu permaneço no Pai”. E Jesus nos ensinou como se deve amar nosso Pai. Está no Pai-Nosso, está no Magnificat de Maria, no Magnificat de Ana (I Sam), está no hino ao amor do extraordinário Paulo de Tarso, está nas despedidas de Jesus aos Apóstolos antes de seu trucidamento, está em toda a bela e apaixonante “love story”, a mais apaixonante história de amor que se conhece: A Bíblia Sagrada, do Gênesis ao Apocalipse. Cheia de fidelidades, infidelidades, castigos e reconciliações.

Deus é amor e Deus me ama. Tudo que Deus ama pode ser amado por mim. Portanto, amar-me não é crime, é um dever; é mais: é um preceito evangélico, faz parte do Mandamento Novo do Mestre: “Amar a Deus sobre todas as coisas. amar o próximo como a si

mesmo”. Portanto, 3 coisas: Amar a Deus em primeiro lugar e acima de todas as coisas, até de mim mesmo. Sem esta cláusula exclusiva, as outras formas de amor estarão comprometidas. O amor exclusivo a Deus condiciona os outros, envolve e superdimensiona os outros e os inclui. Em segundo lugar, vem o amor a mim mesmo. Já que Deus quer bem a mim, não posso deixar de querer bem a mim. E tem mais: como poderia ele me mandar amar os outros, sem primeiro ter-me ensinado o que é amar? É preciso que eu experimente o amor em mim, que eu ache gostoso ser amado por Deus e que isso faça sentir-me valorizado, me faça sentir-me gente, que eu me ame como eu sou, como Deus me fez, como ele me ama. Só então estarei em condições de fazer pelos outros o que gosto que façam por mim: amar como Deus me ama e como quer que eu me ame. O amor aos outros é um transbordar do amor de Deus por mim e em mim, que me faz gostar de mim e querer o mesmo para os outros. “Que pode uma criatura / senão, entre criaturas, amar? / Amar e esquecer, / amar e mal-amar, / amar, desamar, amar /

sempre, e até de olhos vidrados, amar? / ... (Carlos Drummond, *Amar*).

Não se trata de narcisismo, de amor em concha, de auto-admiração, de envaidecimento patológico, que só vê a si mesmo, nada mais que a si mesmo, sem olhar a Deus, sem olhar os outros. O amor a si mesmo é uma corrente que começa em Deus, passa por mim e termina nos outros, tudo a um tempo. Pois é impossível amar a Deus sem me amar, como é impossível amar-me sem amar os outros. O amor é como a luz: por si mesmo se difunde generosa. É impossível impedir que a luz do sol, de uma lâmpada, do farol do carro, da cadeia se expanda, se derrame no seu espaço. É impossível um coração que Deus ama e que se ama, não transbordar, não extravasar para os demais: pessoas e criaturas. “Deus ama tudo que criou” (Sab.), e eu, criado, “feito à sua imagem e semelhança”, isto é, capaz de amar como ele, não poderia deixar de amar tudo que ele criou: a mim mesmo, os outros, a natureza, os produtos da tecnologia, tudo que o homem é capaz de criar, enquanto continuador da obra divina. •

UM PEDAÇO DE PÃO

Num pedaço de pão
há o ventre que balança as loiras espigas,
a noite calma que caiu sobre o campo,
o sol ardente que faz germinar e crescer o trigo,
a água generosa que possibilitou a vida,
a terra que teve de ser arada,
o homem trabalhando sem parar no preparo da eira,
o suor bendito de quem lutou para consegui-lo,
o filho em casa esperando quem o trouxesse,
a semente que teve de morrer para que viesse a planta,
o adubo que foi posto com mãos calosas.
O pedaço de pão é branco,
mas nele há o preto do carvão que aqueceu o forno,
o vermelho do rosto afogueado pela labuta sem fim,
o azul do mar por onde o navio singrou,
transportando o que era necessário,
para que os grãos de trigo medrassem.

O pedaço de pão é pequeno,
mas nele há todo o mundo que é preciso fazer
e construir e ser para que haja pão.
Ante o pedaço de pão,
pode haver o enfado da gula,
o desespero da fome,
a impossibilidade de milhões a ele terem acesso
e a indiferença de quem não faz conta de pedaços...

O pedaço de pão
pode ser partido e oferecido com generosidade,
mas pode ser esquecido
e posto atrás das vitrinas
do privilégio e da injustiça.

O pedaço de pão
tem o sal do suor,
a água da lágrima,
o gosto da mão que preparou a massa.

O pedaço de pão
pode ser o pão fresco das manhãs,
ou o pão dormido, seco sem vida,
desde que o façamos assim.
Nada há de mais belo que um pedaço de pão,
que é vida quando mata a fome,
remédio quando levanta as forças,
prêmio quando conseguido com o trabalho,
penhor de afeto quando oferecido,
garantia de amanhã no celeiro providente,
esperança de quem luta para que não falte.

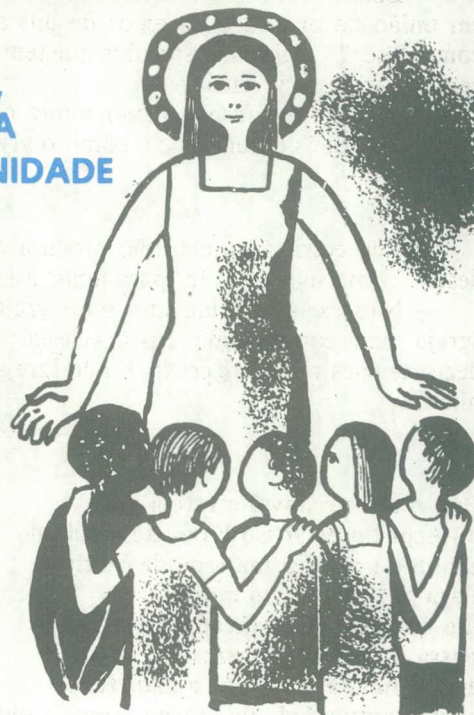
O pedaço de pão
também é a angústia da mãe
que não tem como dá-lo ao filho...

Num pedaço de pão,
existe a vida para todos os homens,
vida que o próprio Deus foi Quem lá dentro pôs,
vivendo Ele mesmo ali mesmo,
para que os seres humanos vivessem Dele
e, levando-O aos outros,
transmitissem Vida em abundância,
Vida que não tem fim,
a Vida num pedaço de pão...

José Wanderley Dias

Maria na Palavra de Deus
(continuação da Novena Mariana — N.ºs 8 e 9).

8 MARIA, MÃE DA COMUNIDADE CRISTÃ



LEITURAS

Atos, 1,12-14: “Voltaram eles então para Jerusalém do monte chamado das Oliveiras,... Tendo entrado no cenáculo, subiram ao quarto de cima, onde costumavam permanecer. Eram eles: Pedro e João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelador, e Judas, irmão de Tiago. Todos eles perseveravam unanimemente na oração, junto com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele”.

João, 14,15-17; 15,11-14: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que fique eternamente convosco. É o Espírito da verdade... Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa. Este é o meu mandamento: Amai-vos uns aos outros, como eu vos amo. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando”.

REFLEXÃO

A primeira comunidade cristã, a Igreja dos seguidores de Jesus, nasceu da morte e ressurreição de Jesus. Maria, a mãe de Jesus, era a mãe de seus discípulos, a mãe da Igreja que nascia — como Jesus nasceu — por obra do Espírito Santo para viver neste mundo o mesmo amor de Jesus. Para fazer as mesmas coisas que o filho com esse amor... E, em tudo isso, Maria é a mãe que acompanha os discípulos.

EXAME

— Que nos ensina Maria, unida aos discípulos na

oração quando nasceu a Igreja, a primeira comunidade cristã?

— Como vivemos em nossa Igreja a existência, em união na oração e no amor de uns aos outros, como Jesus? Quais os obstáculos que temos ou colocamos para essa vivência?

— Você vive o cristianismo numa comunidade cristã? Em que comunidade e como o vive?

CONVERSÃO

— Não é cristão quem não procura amar como Jesus. Tome suas decisões para amar assim.

— Não existe cristianismo sem Igreja e não há Igreja sem comunidade cristã eclesial: tome suas decisões para viver a fé cristã, sendo Igreja em comunidade.

ORAÇÃO

**Pai: reuni e renovai a Igreja,
no Espírito de vosso Filho Ressuscitado
e com a presença materna de Maria.
Para que este nosso mundo,
tão dividido e desgraçado,
possa acreditar e esperar em vós
ao ver-nos mais unidos e mais felizes
como comunidade de oração, amor e serviço.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém!**

INVOCAÇÃO

— Maria, Mãe da Igreja:

— Uni, no Espírito de vosso Filho, toda a nossa Igreja peregrina!

9

MARIA, MODELO DOS QUE CUMPREM A PALAVRA



LEITURAS

1João, 3,10.16-18.24: “É nisto que se conhece quais são os filhos de Deus e quais os do demônio:

todo o que não pratica a justiça não é de Deus, como também aquele que não ama o seu irmão... Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos. Quem possuir bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como pode estar nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas por atos e em verdade... Quem observa os seus mandamentos permanece em (Deus) e (Deus) nele”.

Lucas, 8,19-21: “A mãe e os irmãos de Jesus foram procurá-lo, mas não podiam chegar-se a ele por causa da multidão. Foi-lhe avisado: ‘Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e desejam ver-te’. Ele disse-lhes: ‘Minha mãe e meus irmãos são estes, que ouvem a palavra de Deus e a observam’”.

REFLEXÃO

Jesus quer dizer que Maria é mais intimamente sua mãe por crer e cumprir a Palavra de Deus, do que por concebê-lo fisicamente.

No Reino de Deus — já nesta vida — uns vínculos de fé e de novo amor substituem ou melhoram e superam os vínculos da carne e do sangue e do amor físico. Trata-se de um amor que se expressa na vida com obras e que tem sua raiz e sua fonte em Deus, em Jesus Cristo. Trata-se de um amor que faz dar vida e dá a vida por seus queridos, pelos irmãos.

EXAME

— Com essas respostas do Evangelho, o que nos ensina Jesus sobre Maria e sobre nós mesmos?

— Como amamos hoje os cristãos em nossa Igreja: com obras ou somente com palavras?

— Cumprimos a Palavra de Deus até sermos irmãos de Jesus?

CONVERSÃO

— Determine o que tem que fazer para cumprir melhor a Palavra e para amar com obras. Precisa de quem, de onde, de quando, de como e para quê? (E fixe-se em Jesus para amar como Ele e com seu amor.)

ORAÇÃO

Deus e Senhor nosso:

**Não nos permitais ignorar vossa Palavra
nem reduzi-la a puras teorias.**

**Concedei-nos cumprir vossa Palavra com amor
em obras dignas de Maria e de Jesus,
que são para nós**

**vossa Palavra cheia de fé, amor, sacrifício e Vida.
Pelo mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém!**

INVOCAÇÃO

— Maria, mãe de fé e cumpridora da Palavra de Deus:

— Ensinai-nos a escutá-la e cumpri-la como vós.

MARIA, VITÓRIA DE DEUS SOBRE O MAL



LEITURAS

Apocalipse, 12,1-11; 13,17: “Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés, e na cabeça uma coroa de doze estrelas... Depois apareceu outro sinal no céu: um grande dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres... Esse dragão deteve-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de que, quando ela desse à luz, lhe devorasse o filho. Ela deu à luz um Filho, um menino, aquele que deve reger todas as nações pagãs com cetro de ferro. Mas seu Filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono. A Mulher fugiu então para o deserto, onde Deus lhe tinha preparado um retiro... Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de combater o Dragão... Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado Demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro... Eu ouvi no céu uma voz forte que dizia: ‘Agora chegou a salvação, o poder e a realeza de nosso Deus, assim como a autoridade de seu Cristo, porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos, que os acusavam dia e noite, diante do nosso Deus. Mas estes venceram-no por causa do sangue do Cordeiro e de seu eloqüente testemunho. Desprezaram a vida até aceitar a morte... O Dragão, vendo que fora precipitado na terra, perseguiu a Mulher que dera à luz o Menino... Este então se irritou contra a Mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência, aos que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”.

Lucas, 21,8-19: “Jesus respondeu: ‘Vede que não sejais enganados. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu e: o tempo está próximo. Não sigais após eles. Quando ouvirdes falar de guerras e de tumultos, não vos assusteis: porque é necessário que isto aconteça primeiro, mas não virá logo o fim.’... Sereis entregues até por vossos pais, vossos irmãos, vossos parentes e vossos amigos... Mas, antes de tudo isto, vos lançarão as mãos e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença dos reis e dos governadores, por causa de mim... Gravaí bem no vosso espírito. Não prepareis vossa defesa, porque eu vos darei uma palavra cheia de sabedoria, à qual os vossos adversários não poderão resistir nem contradizer.

REFLEXÃO

São João vê cumprir aquela primeira Promessa que Deus fez à humanidade quando maldisse a serpente diante de Adão e Eva: “Tu te lançarás contra o calcanhar da Mulher, mas sua descendência te pisará a cabeça”. Foi o que lemos no livro do Gênesis, no começo desta novena.

Hoje vemos essa Mulher cheia da Força de Deus, em luta com o Monstro ou a Serpente: Maria (e a Igreja) cuja descendência é Cristo e os cristãos que enfrentam e vencem o mal com a bondade, com o amor, com o serviço e o sacrifício próprio, desapegando-se de sua segurança, de seus bens e sua vida até morrer...

É uma luta libertadora. A luta de Deus.

E Maria Imaculada é a primeira vitória de Deus, sobre toda a maldade, numa simples criatura humana onde se encarna a bondade de Deus, seu amor, seu perdão, sua vida, seu Filho.

Hoje deve ser a Igreja — descendência cristã de Maria e Mãe também dos cristãos — essa vitória de Deus: vitória da misericórdia e do perdão sobre o ressentimento e a vingança; vitória do desprendimento, da pobreza e da humildade sobre a ambição, o poder, o orgulho; vitória do amor sobre o ódio e a esperança sobre o medo; vitória da vida sobre a morte.

EXAME

— Que ensinamentos tiramos de Maria como vitória de Deus sobre o Monstro da maldade?

— Como se trava hoje essa luta entre o Monstro ou a Serpente e a Mulher e sua descendência, em nosso mundo, em nossa sociedade, entre nós e nosso próximo?

— É você vitória de Deus ou é derrota frente ao mal?

CONVERSÃO

— Olhando Maria — a vitória e os conselhos de Jesus em sua Palavra —, que correções e mudanças de conduta decide você — pessoal e comunitariamente ou socialmente — no cenário em que essa luta chega até você, hoje?

ORAÇÃO

Senhor, Deus do invencível amor:

Ao celebrar em Maria Imaculada

vossa vitória contra o mal,

vos pedimos que alcancéis em vossa Igreja

e em nossas vidas

novas vitórias, por vossa bondade poderosa,

para este mundo tão necessitado de justiça,

de esperança, de amor e de paz.

INVOCAÇÃO

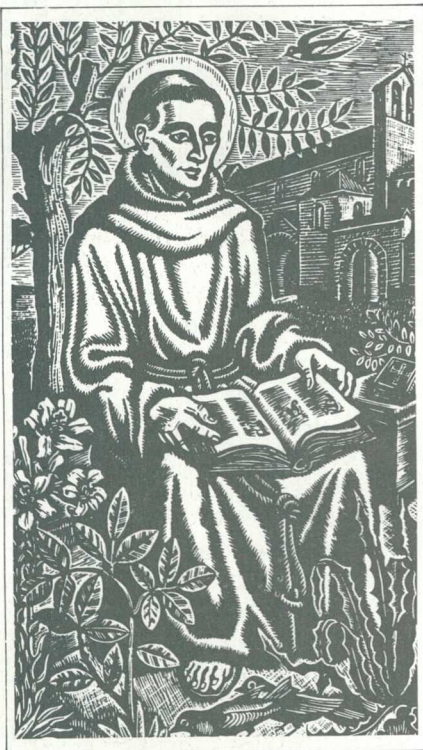
— Maria, Imaculada vitória de Deus:

— Rogai por nós, pecadores, até que vencamos todo o mal.

SANTO ANTÔNIO SÃO JOÃO - SÃO PEDRO

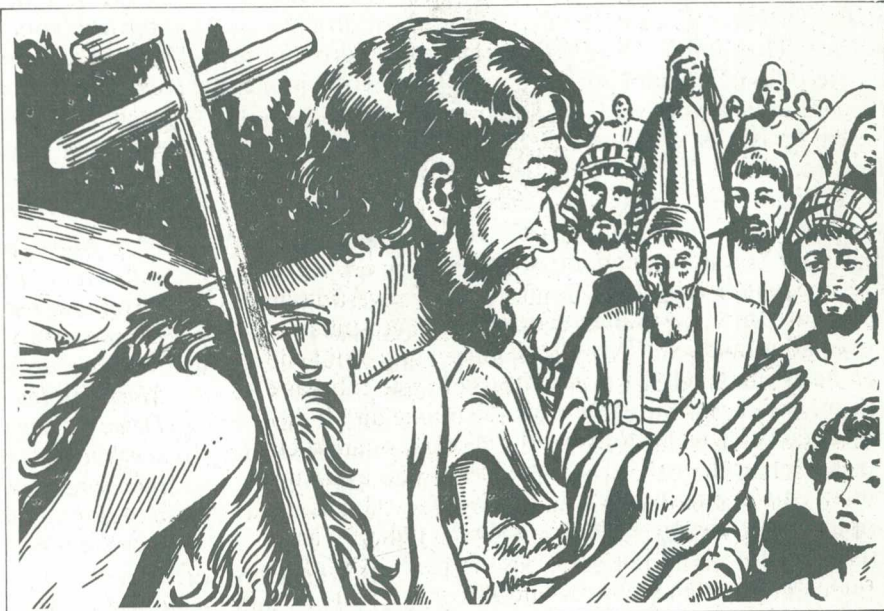
Pe. Elias Leite

Três santos bem ao sabor brasileiro. Com sua história no coração do povo. E tradições muito nossas. Nos rumos da *fé*, encipoadas de crenças e credences, misturados como a raça, mas viva e forte como ela. Devoção no fim.



Junho, dia 13. Fernando. Frei Antônio. E santo. Santo Antônio. Santo Antônio de Lisboa e de Pádua. Portugal e Itália. Naturalizado brasileiro na devoção popular. Foi até capitão do exército português, na Bahia, sem nunca ter chegado aqui. Nem no exército. Exercitando só a Palavra do Senhor, na defesa da Fé. Exímio pregador.

Não apenas irmão na Ordem, mas amicíssimo de frei Francisco de Assis, companheiro em tudo. Na santidade, inclusive. Viveu quase nada. Reduzidos 36 anos franciscanos. Morrendo a 13 de junho, em Pádua onde ensinava e pregava, no ano de 1231. Nem levou um ano para ser declarado Santo. Santo Antônio de Lisboa. Santo Antônio de Pádua. E



do coração do povo brasileiro. Quem diz que não?

Milagres sem conta lhe são atribuídos. Lá e cá. Mas a devoção aqui chegou com os portugueses e aqui fincou de raiz, de Norte a Sul. Por todos os recantos e em todos os corações. Santo Antônio dos pobres. Dos pães bentos, pra tanta coisa que a gente nem sabe quantas. Das coisas e causas perdidas. Das novenas e trezenas. Santo Antônio dos pedidos e promessas. Dos “bilhetinhos” suspirosos pra *ele* “aparecer” ou voltar... Outro dia mesmo, uma menina me dizia meio desanimada: “Me ajuda, padre, reza pra Santo Antônio... ele nem tá atendendo mais. A gente pede, pede e... nada!” Pois é, respondi, também com tanto namoro safado por aí... Qual o santo que se responsabiliza?

Não quero desencantar as pretendentes. Nem tenho autorização de Santo Antônio pra fazer censura. Continuem rezando. Tenham fé e o bastante juízo.

Folclore à parte, continua Santo Antônio o santo popular, o grande pregador e defensor da Fé, e, por isso mesmo, por declaração do papa Pio XII, Doutor da Igreja.

Junho, dia 24. São João, o batizador. Primo de Jesus. E Profeta. O último deles no predizer o Messias. Contemporâneo, o apontou presente entre os homens como o Cordeiro de Deus, o que chegava para tirar o pecado. O único capaz, por ser o Filho de Deus, Salvador. Ele, João, era apenas uma voz. Voz que gritava, clamava e ninguém estava querendo escutar. Voz no deserto. Bradava a todos que se convertessem, fizessem penitência, que se batizassem dos pecados. Pois já estava no meio deles aquele que batizava no Espírito Santo, o Cristo.

Jesus, por sua vez, falava do Profeta ao povo. Não era um homem qualquer. O maior entre os nascidos de mulher. Era um caráter forte. Um homem austero. Não o tipo de canção que o vento agitasse para um e outro lado. Era um cedro rijo. Fincado na fé e na missão de Deus. Nem era, tampouco, um homem vestido de sedas, morador de palácios, não. Era o homem dos caminhos percorridos, de povoado em povoado, queimado de sol, cortando poeira, sob uma veste de couro de camelo, bordão na mão e a clamar: eu não sou o Cristo, nem digno sou de atar-lhe as sandá-

lias! Mas Ele está aí no meio de vocês. Saibam encontrá-lo!

E não tinha medo. Nem do rei. Pois, quando este rei, que também o admirava muito, e era Herodes, deu o mau exemplo, João não hesitou. Apontou o dedo para o rei: "Não é lícito que tomes para ti a mulher do teu irmão Filipe!" Isto lhe custou pesadas correntes no cárcere e depois a cabeça. O orgulho e a libertinagem de Herodes não foram apenas deserto para aquela voz: transformaram-se em feras para o Homem de Deus. Devoraram-no.

E João Batista ficou na história sagrada como Profeta de Deus e mártir da Verdade. Seu nome se propagou com os evangelhos. A Igreja o venerou como seu grande santo. O povo, admirando suas virtudes e por sua ação junto de seu primo Jesus, tomou por ele carinhosa devoção. E, por circunstâncias históricas no Reino de Portugal, o dia do seu nascimento entrou para as comemorações populares e chegou pelas tradições cristãs às riquezas do nosso folclore. E aí estão as festas juninas com suas fogueiras e fogos, cantigas e quadri-lhas, quentões, canjicas e bolos de fubá. Uma infinidade de manifestações do lado ingênuo e festivo da alma da nossa gente. Como isso é bom!

Que São João continue o santo popular e sempre seja o Profeta de Deus, a denunciar também os *herodes* e *herodiades* de todos os tempos: "Não é lícito"! em defesa da honra e dignidade da família. E o eco da sua Voz possa ainda repercutir no íntimo de muitas consciências.



Junho dia 29. E Pedro. O bom São Pedro. O homem sincero, simples, amigo. O homem imagem do homem. Na fraqueza como na grandeza. E fiel à missão até à morte. E morte na cruz. Como o Mestre.

A ele Jesus confiou a Igreja: "Apascenta o meu rebanho". A ele Jesus deu o poder da decisão: "Eu te dou as chaves do Reino dos céus". Nele implantou os alicerces da Igreja, sua segurança: "Tu és pedra e sobre esta pedra *construirei* a minha Igreja". Simão Bar Jonas. De então em diante Simão Kefas ou, como traduziram para o latim: Simão *Petrus* ou Pedro em nossa língua. Para todos nós, simplesmente São Pedro.

Mas a intimidade popular, na sua imaginação de fé, foi-lhe criando outros encargos mais: porteiro do Céu, o mandante das chuvas, patrono dos pescadores e navegantes, protetor dos viúvos.

Para muitos o Santo velhinho, o bom São Pedro. Sua estátua no Vaticano, toda de bronze, tem a ponta dos pés gasta de tanto tocarem para beijar. Assim milhares de pessoas, por tantos séculos, reverenciam com amor a figura simpática desse apóstolo de Cristo, o primeiro Papa da Igreja.

Os evangelhos trazem um milagre de Jesus curando a sogra de Pedro. Daí se deduz ter sido ele casado. Há quem afirme ser o apóstolo já viúvo quando convidado por Cristo para o seguir. Donde procedem a devoção a São Pedro como padroeiro dos viúvos e os festejos populares, em várias regiões do País, ao mesmo estilo das festas de São João.

Santo Antônio. São João. São Pedro. Com eles as festas juninas, na riqueza do nosso folclore e na simplicidade da crença do povo.

Preces:

Neste junho, Santo Antônio, desburocratize o ministério, desencalhe as esperanças de tanta gente por aí... uma colherzinha de chá não faz mal a ninguém...

São João do Cordeirinho, olhe a família brasileira, afugente os lobos pra bem longe... e acenda uma fogueira de amor nos corações dos casados.

São Pedro, meu bom São Pedro, cuide bem de suas ovelhas e apascente este rebanho que o Mestre quis um só Pastor. Dê apoio aos viúvos, já que sabe os seus problemas. Mas, antes de tudo, não se esqueça: quando um brasileiro for chegando aí, deixe encostada a porta do Céu... o resto, ele dá um jeitinho. Amém. •

JOVEM

JÁ PENSOU NO CAMINHO A SEGUIR? QUER SERVIR?



Quer ser gente que se preocupa com gente? UMA SUGESTÃO...

Venha dar sua vida a Cristo na pessoa do irmão mais carente, do menor abandonado. Aqui as Irmãs, SEGUINDO São Francisco, pobre dos bens deste mundo, procuram viver o Evangelho de Cristo através de uma vida de oração, de pobreza, em dimensão de amor e serviço.

MAIS INFORMAÇÕES

Congregação das Irmãs Franciscanas de N. Senhora do Amparo.
Av. Roberto Silveira, 150
C.P. 90062
25.000 Petrópolis - RJ
Fone: 42-0868

A propriedade particular: um direito absoluto?

Fernando Torres

“Deus destinou a terra,
com tudo que ela contém, para
uso de todos os homens
e povos, de tal modo que os
bens criados devem bastar
a todos, com equidade, sob as
regras da justiça,
inseparável da caridade”.

O problema da segurança urbana é candente no Brasil dos nossos dias. Todas as pessoas tentam proteger suas propriedades na medida de suas possibilidades. Isto é natural, em consequência do aumento da delinqüência, fruto, em grande parte, da crise econômica. Mas também é sinal de um conceito de propriedade particular como um direito absoluto. Num mundo onde o meu é só exclusivamente meu, tenho que defendê-lo por todos os meios possíveis.

Referente a este tema das propriedades e das riquezas, há um texto no Evangelho que é muito adequado para a nossa reflexão. Trata-se da parábola do mordomo infiel (Lc 16,1-8). Como muitas outras parábolas de Jesus, também esta pertence provavelmente à sua polêmica com os fariseus, “que amavam as riquezas” (Lc 16,14). Portanto, esta parábola vai dirigida aos que amam o dinheiro. Sem dúvida, seu conteúdo é surpreendente. Dá a impressão de que Jesus louva a atitude do mordomo, quando se aproveita do dinheiro do seu amo, daquilo que

não é seu, para granjear amigos que o ajudem no momento em que vier a perder seu emprego. Parece que Jesus não condena a fraude.

Contudo, se continuamos a leitura, deparamos com uma frase que nos pode esclarecer o sentido da parábola: “Eu vos digo: fazei-vos amigos com a riqueza injusta, para que, no dia em que ela vos faltar, eles vos recebam nos tabernáculos eternos” (Lc 16,9). Aqui Jesus chama de “injustas” as riquezas deste mundo, contrapondo-as aos bens das moradas eternas, lugar de encontro definitivo com Deus, além desta vida. Está claro que Jesus nos convida a usar das coisas deste mundo para viver a fraternidade, para compartilhar. Este é o meio de que devemos nos servir para responder à graça salvadora de Deus.

Com isto, Jesus não faz mais que nos indicar a origem e a função das riquezas, de todo o material deste mundo. É o que, desde muito tempo, se chamou “destino universal dos bens”. Segundo a doutrina católica mais tradicional,

o que existe nesta terra é para todos os homens. Só é lícito apropriar-se de algo, quando for para uso das necessidades de minha família. Toda apropriação que signifique apossar-me, para mim ou para os meus, daquilo que os meus irmãos necessitam, é, falando claramente, pecado. Estas idéias não são novas. Já os Santos Padres escreveram abundantemente sobre este tema. “Não consentamos, irmãos e amigos meus, dizia São Gregório Nazianzeno, em administrar mal aquilo que, por dom divino, nos foi concedido, para que não tenhamos que escutar aquelas palavras: Envergonhai-vos, vós que retendes o alheio; propomos a imitação da igualdade de Deus e nada será pobre. Não nos dediquemos a acumular e guardar dinheiro enquanto outros têm que lutar em meio à pobreza”. A Igreja, reunida solemente no Concílio Vaticano II, manteve a mesma doutrina: “Deus destinou a terra, com tudo que ela contém, para o uso de todos os homens e povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, sob as regras da justiça, inseparável da caridade. Sejam quais forem as formas de propriedade, adaptadas às legítimas instituições dos povos, segundo circunstâncias diversas e mutáveis, deve-se atender sempre a esta destinação universal dos bens. Por esta razão, usando aqueles bens, o homem que possui legitimamente as coisas materiais, não as deve ter só como próprias dele, mas também como comuns, no sentido em que elas possam ser úteis não so-

mente a ele mas também aos outros” (*Gaudium et Spes*, 69).

O problema surge quando o homem, que devia fazer de Deus e, portanto, dos outros homens o centro de sua vida, cai na idolatria e começa a cultuar outros deuses: os deuses do dinheiro, das riquezas, do ter mais. Esta idolatria é muito comum em nossos dias. Sobretudo nas sociedades com um sistema econômico como o nosso, onde o único objetivo é obter o máximo benefício possível. Em nossa sociedade, realizar-se como pessoa significa chegar a ser rico. Para conseguir esta finalidade, o homem não hesita em fazer dela o centro de sua vida. Tudo o mais deixa de ter importância. A conversão ao ídolo do ouro esgota todas as forças do convertido. A família, os amigos, tudo passa para o segundo plano; inclusive o pretexto de que trabalha para que a família viva melhor. Se for necessário pisar nas outras pessoas, fá-lo-á sem vacilar, porque “nesta vida, se não pisas, te pisam”. A sociedade se organiza como corrida, onde as pessoas lutam com todos os meios ao seu alcance, não só para ganhar, mas também para que os outros não ganhem. Em uma sociedade deste tipo, *compartilhar* é uma palavra vazia de significado. A norma é competir, e o único valor o *ter mais*. Esta é a mensagem que nos comunicam continuamente os meios de comunicação social, a publicidade, a educação e a própria vida. Naturalmente há diversos graus de conversão a esta nova religião. Mas, se somos sinceros, devemos reconhecer que todos, com maior ou menor fervor, acendemos nossa vela ao ídolo do *ter*.

Sem dúvida, a palavra de Jesus ressoa com força: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Lc 16,13). Jesus nos anuncia que o único Senhor do homem é Deus, Pai de amor e misericórdia, amor que nos torna capazes de amar e liberdade que nos liberta. Somente reconhecendo a Ele como único Deus nos podemos livrar de todo aquele que nos impede que sejamos irmãos de todos os homens.

Então, o que devemos fazer? Sinceramente, reconhecer que o que temos não é nosso. As coisas são simplesmente meios dos quais nos servimos para satisfazer nossas necessidades, as de nossa família e dos demais. Para Jesus a propriedade particular não é direito absoluto. Muito menos no caso em que uma pessoa está ao nosso lado passando necessidade. Neste caso, não compartilhar significa apropriar-nos de algo que não é nosso. Paulo VI fala muito claramente a este respeito: “Não dás da tua fortuna, assim afirma Santo Ambrósio. Ao seres generoso para com o pobre, tu dás daquilo que lhe pertence. Porque aquilo que atribuis a ti foi dado em comum para uso de todos. A terra foi dada a todos e não apenas aos ricos. Quer dizer que a propriedade particular não constitui para ninguém um direito incondicional e absoluto. Ninguém tem direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando a outros falta o necessário” (*Populorum progressio*, 23).

Jesus inaugura um novo estilo de vida entre os homens. Se só existe um Deus e Pai de todos, então todos somos irmãos. O que Deus dá a cada um de nós (qualidades pessoais, bens materiais), é para o bem de todos. Fora dessa utilidade comum, nada tem sentido. As riquezas, os bens econômicos são, portanto, um bem dos quais nós homens nos servimos para podermos nos realizar como

pessoas. São os instrumentos que nos ajudam a criar a fraternidade e a solidariedade. Fazer dos bens causa de divisão entre as pessoas, é trair nossa fé cristã. Devemos lutar contra o pecado que está presente em nosso coração e que nos empurra a apoderar-nos das coisas, a acumular egoisticamente, acima de nossas necessidades. No Reino de Deus o valor moral mais importante será compartilhar. O próprio Deus nos convida a compartilhar sua vida divina no amor. Se nós cristãos cremos no Deus que Jesus nos anunciou, temos que nos esforçar por viver, já aqui, segundo Ele. Portanto, para os cristãos as coisas, nossas coisas, devem ser motivo de regozijo compartilhar com os demais, especialmente com aqueles que por sua pobreza, por sua falta de cultura, etc., não têm possibilidades de satisfazer suas mais íntimas necessidades.

Se lermos agora a parábola do mordomo infiel, já podemos compreendê-la no seu significado completo. Tudo o que existe neste mundo, os bens materiais, são “riquezas injustas”, se o homem se apropria de forma exclusiva do que não é seu, mas dom da graça de Deus. Assim entendidas, as riquezas se convertem em fonte de divisão, de falta de solidariedade entre os homens. Na parábola do mordomo infiel, Jesus nos exorta a viver já agora a fraternidade típica do Reino de Deus. As “riquezas injustas” devemos usá-las para compartilhar, para criar fraternidade entre os homens. Essa fraternidade será um sinal visível da presença de Deus entre os homens. •

(Fernando Torres Pérez é sacerdote clareiano, professor de Moral no Studium Theologicum de Curitiba, PR).

Lição de esperança democrática



“A cidadania não é atitude passiva, mas a ação permanente em favor da comunidade”.

Dia 15 de janeiro de 1985 o Colégio Eleitoral elegia o Sr. Tancredo Neves para Presidente do Brasil. Pela primeira vez em 20 anos, o povo sai às ruas para comemorar. Muita esperança, muita expectativa. Finalmente as novas autoridades — embora operando dentro de marcos de um Estado viciado por vinte anos de autoritarismo — transmitem um clima de maior abertura democrática, de maior seriedade política e honestidade administrativa. Assim todos esperamos e a opinião pública reivindica.

Três meses após a eleição do Presidente Tancredo Neves, dia 14 de março — véspera do dia da sua posse — um acontecimento trágico para a Nação. O homem, que é símbolo de tanta esperança, adoece. Com urgência é levado à cirurgia. Uma “via-crucis” de operações e hospitais preenchem a agenda do Presidente eleito.

Mas, se a partir de então sua voz não pôde mais ser ouvida, antes, no seu discurso oficial, aflorou um pouco do homem de fé, do cidadão confiante na sua Nação, do político disposto a promover o desenvolvimento integral do povo brasileiro.

Seu corpo está morto mas seu ideal de brasilidade está vivo nos corações e nas mentes do povo brasileiro. Fica plantada nesta gente brasileira a semente da esperança por um Brasil mais democrático, mais independente e mais justo.

Aqui registramos algumas frases do primeiro discurso do Presidente Eleito Tancredo Neves por ocasião de sua eleição:

- *Orgulhamo-nos de pertencer a um povo que não se abate, que sabe afastar o medo e não aceita acolher o ódio.*
- *Não há pátria onde falta democracia.*
- *Não teremos a Pátria que Deus nos destinou enquanto não formos capazes de fazer de cada brasileiro um cidadão, com plena consciência desta dignidade.*
- *A justiça se promove com liberdade.*
- *A paz é sempre esquiwa conquista da razão política.*
- *Quanto mais democrática for uma sociedade, mais frágil será o Estado.*
- *Quanto mais fraterna for a sociedade, menor será a presença do Estado.*
- *Convoco-vos ao grande debate constitucional.*
- *A inflação é a manifestação mais clara da desordem na economia nacional.*
- *Enquanto houver, neste País, um só homem sem trabalho, sem pão, sem teto e sem letras, toda a prosperidade será falsa.*
- *O desenvolvimento social não pode ser considerado mera decorrência do desenvolvimento econômico.*
- *Cada vida humana vale muito mais do que a elevação de um índice estatístico.*
- *Temos de reconhecer e admitir como objetivo básico da segurança nacional, a garantia de alimento, saúde, habitação, educação e transporte para todos os brasileiros.*
- *Defender a livre iniciativa e a propriedade privada é defendê-las dos monopólios e do latifúndio.*
- *A cidadania não é atitude passiva, mas a ação permanente em favor da comunidade.*
- *Vim para promover as mudanças, mudanças políticas, mudanças econômicas, mudanças sociais, mudanças culturais, mudanças reais, corajosas, irreversíveis.*
- *Nunca o País dependeu tanto da atividade política.*
- *Uma nação evolui na mesma medida em que cresce a sua participação na divisão da renda e na direção dos negócios públicos.*
- *É inegável que o processo de transição teve contribuições isoladas que não podem ser omitidas. ... A da Igreja que, com sua autoridade exponencial, no campo espiritual e na ação social e educativa, lutou na defesa dos perseguidos e pregou a necessidade da opção preferencial pelos pobres com base na democracia moderna.*

PESSOAS E ESTRUTURAS

Pe. Isidoro De Nadai

Existem coisas tão simples, que não alcanço compreender como determinadas pessoas conseguem complicá-las.

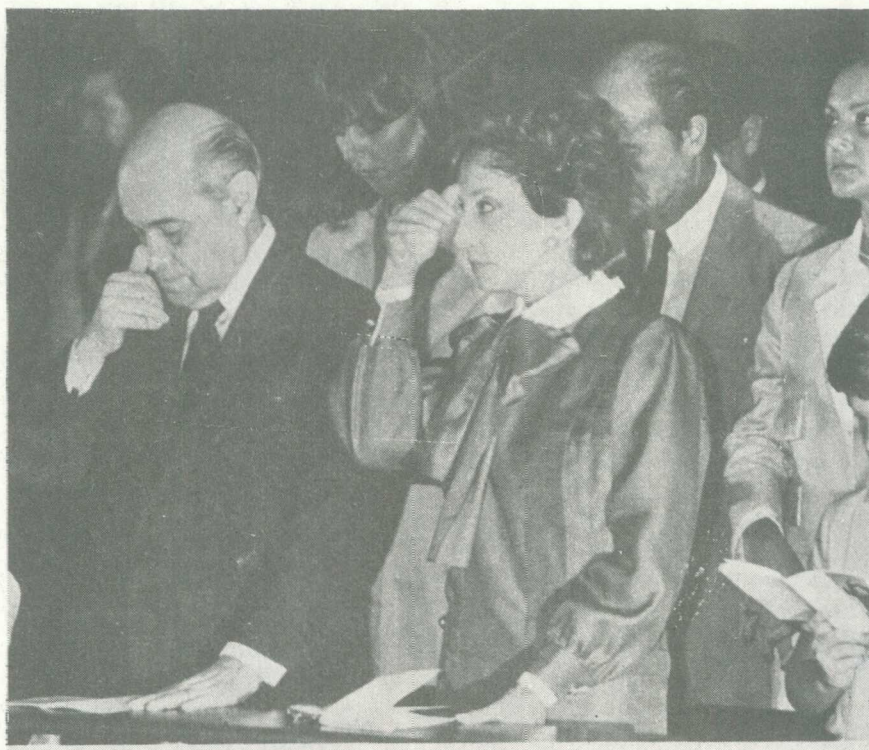
Há poucos dias, conhecido purpurado pretendeu mostrar que a Igreja deve dirigir suas preocupações pastorais exclusivamente para a conversão das pessoas e runca para a mudança das estruturas. Esta viria necessariamente com aquela. Para tanto ele trazia o exemplo do pranteado Presidente Tancredo Neves. Afirmava que este fez mais pela religião no Brasil, do que toda a pregação e atuação dos ministros sagrados. Naturalmente, dizia isso, contrapondo a pregação e o exemplo do extinto Presidente à pregação e à atuação da Igreja “liberacionista” do Brasil...

Não seria eu que iria minimizar o valor da pregação e da atuação de Tancredo na vida deste país, até do ponto de vista religioso. Acho até que, sob alguns aspectos mesmo religiosos, o Brasil será diferente depois da campanha de Tancredo Neves.

Não posso, todavia, deixar de manifestar minha convicção de que o Brasil é outro, religiosa e socialmente, também depois e por causa da pregação e da atuação da Igreja, que alguns chamam, com desaprovação, de “liberacionista”.

Quero dizer que nesta Igreja liberacionista é de justiça incluir, entre outros muitos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o grande mestre de muitos de nós, Alceu de Amoroso Lima, dom Hélder Câmara, dom Aloísio Loscheider, dom Paulo Evaristo Arns, Sobral Pinto e — por que não? — Tancredo Neves...

Ninguém de bom senso duvida que é preciso criar homens novos e que somente homens novos, no espírito, podem mudar a face do país. O que é preciso saber é o que se entende por homens novos. Não creio que se possam chamar assim homens de



Dr. Tancredo Neves, D. Risoleta, netos e parentes na Catedral de Brasília aos 14 de março, participando da missa. Horas depois seria levado às pressas para o hospital.

ISTO É — LUIZ ANTÔNIO RIBEIRO

pretensa religiosidade insimista, de alguma honradez pessoal, mas faltos de sensibilidade, de lucidez e de coragem sociais.

Ademais, não se pode esquecer que se os homens de bem — e ousa presumir que a Igreja se constitui quase sempre de homens de bem... — não se lançarem corajosamente contra as estruturas más e apodrecidas, estas acabarão por afogar e esterilizar todo o potencial de boas intenções dos homens de bem. Boas intenções e bons “exemplos”, postos a serviço de más estruturas, muito pouco de bom podem produzir.

Tancredo realmente mudou este país. Mudou-o, contudo, não só porque era um cristão que rezava. Mudou-o principalmente porque, atuando cristãmente nas estruturas, em companhia de um povo conscientiza-

do e mobilizado, inclusive por uma Igreja atuante e intrépida — “liberacionista” — deu a última picaretada que pulverizou as estruturas injustas e podres — e por que não adjetivá-las corajosamente de pecadoras? — para que os homens de bem que, graças a Deus, existem neste país, possam implantar estruturas mais justas, mais humanas, mais cristãs, que permitam, por sua vez, surgirem muitos outros homens de bem.

A Igreja precisa trabalhar na conversão das pessoas, mas precisa fazer que a conversão não se esgote e não se esconda no recesso das consciências.

Quantos homens de bem eu vi praticamente paralisados e até malsinados, porque suas ótimas intenções se perdiam no cipal de estruturas iníquas e apodrecidas!...

CONSTITUINTE E POVO

Nildo J. Lübke



Na verdade o Brasil já teve oito Constituições. Três delas foram elaboradas por Assembléias Nacionais Constituintes. Nenhuma, porém, representou os interesses do povo, mas de grupos ligados ao poder que se sucedia.

Afinal de contas, para que uma Constituinte? Ora, todo país soberano e independente deve se fazer governar por mecanismos institucionais que estejam acima de interesses pessoais ou grupais na defesa da integridade territorial, soberania, liberdade, nacionalidade. As pessoas e os grupos podem ter seus interesses, mas estes devem curvar-se diante da Constituição, que deve representar não um partido, um grupo político, econômico, religioso, mas o povo.

Percebe-se, pois, que uma Constituição, para ser de fato nacional, isto é, resultado dos anseios de um povo, não pode ser elaborada nem por uma pessoa, nem por um grupo de notáveis, por mais iluminados que possam ser. É necessário um amplo debate com o povo, com os trabalhadores, estudantes, mulheres, os empresários;

com tocos, enfim. É preciso que se crie clima de debate nas fábricas, nas escolas, nos meios de comunicação social, nas igrejas e que os verdadeiros problemas, anseios e propostas venham deste amplo foro popular. Mais ainda: ninguém deve ser esquecido de ser ouvido. Todos devem falar. E falar em comunidade onde os reais problemas aparecem. E também de onde devem vir as soluções.

Para fazer uma Constituição de modo democrático é preciso, porém, que sua elaboração escrita seja confiada a uma Assembléia Constituinte, dotada de poderes e integrada por representantes eleitos livremente pelo povo e convocada especialmente para preparar e votar a nova Constituição. Presume-se que essa eleição de tais delegados à Assembléia Constituinte seja precedida dos debates e que, a partir das idéias e propostas, se vote nos delegados. Somente assim conseguiremos minimizar a influência ideológica que os donos do poder antigo ainda conservam.

Historicamente as nossas oito Constituições foram elaboradas ou:

a) de modo autoritário: quando o governante determinou alguém para escrever o texto, de acordo com seus interesses e os do grupo que o apoiava, outorgando-a ou exigindo a ratificação do Congresso;

b) de modo pseudodemocrático: quando as assembléias Constituintes de fato não representam os anseios populares;

c) de modo democrático: através da Assembléia Nacional Constituinte que, representando de fato o povo e a partir dos resultados dos debates em âmbito nacional, elaborava-se o texto.

Puxando pela memória

Em 1822 o Brasil se deparou pela primeira vez com o problema. Era necessário preparar uma Constituição para o país. Convocada a Assembléia Constituinte, o Imperador discursou em sua instalação: “Espero que a Constituição que façais, mereça minha imperial aprovação”.

Outro problema foi o das intrigas internas: os deputados da Assembléia se dividiam em dois grupos; um re-

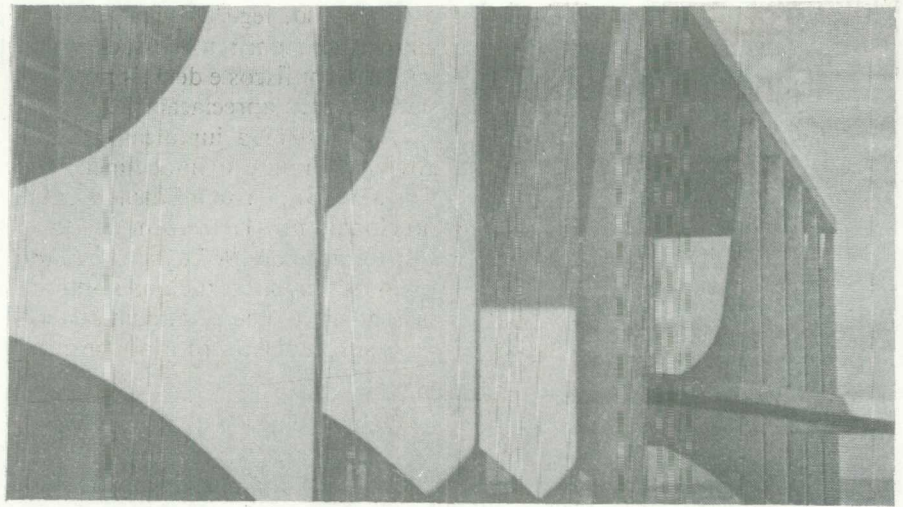
presentava a classe dominante agrária e alguns setores da classe média; outro representava os interesses da burocracia civil e militar. O povo, nesta altura, “dançou”.

É evidente que com interesses tão disparatados, mais os do imperador, tal assembléa entrou em crise e foi dissolvida em 11 de novembro de 1823. O imperador prometeu eleições para uma nova assembléa, mas nomeou um Conselho de Estado de 10 membros que elaborou a Constituição. E, ao invés de convocar uma nova Assembléa Constituinte, enviou cópias da Constituição feita pelos notáveis às Câmaras Municipais que deveriam apreciá-la e devolvê-la ao Imperador com sugestões e críticas. Apenas Itu (SP) e Salvador (BA) o fizeram. As outras acanharam ótima. Frente a tal demonstração de “apoio do povo” brasileiro, D. Pedro I, em março de 1824, outorgou a Constituição. Estranho método de se começar a vida em um país que se libertara recentemente!...

A República foi decretada de forma inesperada com o esgotamento da monarquia. O novo governo elaborou uma carta constitucional a ser apreciada pela Assembléa Constituinte para isso eleita a 15/9/1890, inspirando-se na Constituição dos Estados Unidos da América. A 24/2/1891, após 3 meses e pouco de trabalho e praticamente nenhuma consulta popular, a Constituição do Brasil republicano foi promulgada. Já se pode imaginar que interesses estariam preservados na Carta Magna.

Uma prolongada crise social e econômica levou Getúlio Vargas ao poder no final de outubro de 1930 “como delegado da revolução, em nome do exército, da marinha e do povo”. Já naquele tempo se conheciam estas coisas! Até que o governo tinha certo apoio popular. Afinal, promessas em época de extrema miséria como daqueles tempos de superprodução de café (sem mercado) e cerca de 2 milhões de desempregados, não podiam fazer mais do que aglutinar os pobres em torno de um “salvador”.

A 10/11/1933 se instala a Constituinte com escassa participação popular que adota medidas de proteção ao trabalho e com forte tom nacionalista. A 16/7/1934 ela promulga a



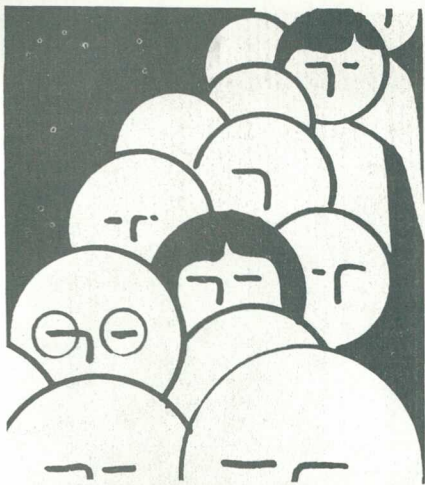
nova Constituição e, no dia seguinte, elege Getúlio, por via indireta, presidente do Brasil...

Na década de 30 o mundo e o Brasil passavam por sérias crises de ordem social e econômica. O espírito nacionalista se aguçava em todas as partes. Em especial na Alemanha, onde o espírito doentio de Adolfo Hitler à frente do Partido Nacional Socialista Alemão (Nazista) levava a melhor diante do Partido Comunista Alemão e assumira o controle do Estado. O nazismo implantou um Novo Estado Alemão que aos olhos cobiosos de outros governantes parecia o ideal. O temor ao comunismo pregado como praga e peste a serem combatidas a qualquer preço, levou Getúlio — temeroso com os acontecimentos gerados pela Aliança Nacional Libertadora, de inspiração esquerdista (esmagada em 34) — a fechar o Congresso, e na manhã de 10/11/1937 o País amanheceu com a ditadura de Vargas e uma nova Constituição preparada da noite para o dia e de cunho facista. Desculpas para o fato: “Perigo de implantação do comunismo no Brasil...” E o fato se repetirá vinte e tantos anos depois...

O movimento democratizador das bases populares, somado às forças liberais e conservadoras anti-Getúlio e às pressões americanas, conseguiu em 1945 apagar Getúlio Vargas do poder. É verdade que, antes que isto ocorresse, havia começado um processo de abertura gradual, com a formação de novos partidos (PTB, PSD, UDN e PCB...), anistia e eleições. Preparava-se inclusive uma nova Constituição. O primeiro

problema, que inclusive deve vir à tona no próximo ano, foi: a Constituinte deveria ser realizada sob o governo de Getúlio que presidiria o País, mesmo nas eleições presidenciais, ou Getúlio deveria renunciar para que as eleições fossem “realmente livres”. A UDN e outros setores liberais e o PSD queriam a renúncia. O PTB, PC e Sindicatos queriam a Constituinte com Getúlio (queremistas). Getúlio perdeu. O golpe de 29/10/45 derrubou-o do cargo mas não do poder, pois, recomposto com os generais e golpistas, apóia Dutra e derrota os udenistas para a presidência da república. A nova assembléa se instala com cunho eminentemente conservador, deixando de fora o povo, já que em sua maioria é analfabeto e pobre e, “em nome do povo”, vota a Constituição em 1946.

A revolução vitoriosa se investe no exercício do poder Constituinte. Este se manifesta pela eleição popular cu pela revolução. Esta é a forma mais expressiva e mais radical do poder Constituinte. Assim, a revolução vitoriosa como o poder Constituinte, se legitima por si mesma” (preâmbulo do Ato Institucional de 9/4/64). Fácil, não é?... Os militares que depuseram Goulart pretendiam realizar em curto período amplo “saneamento e reorganização” da política do País e pelo Ato Institucional de 9/4 se pretendia: eleger o novo presidente, Castelo Branco, por via indireta, através de um Congresso amendado pelas cassações e dar ele amplos poderes de emendar a Constituição, tornando-o detentor de poderes quase absolutos. Quebra-se a espinha dorsal do Con-



gresso e do povo, dando início a um longo período de trevas e terror, onde impera a vontade do ditador. Para se dar ares oficiais aos desmandos de um governo que se regia por Atos Institucionais, o de nº 4, em 1967 convoca o que restou do Congresso para aprovar uma Constituição elaborada por um grupeto palaciano.

Isso não ficou assim. Não bastaram cassações de mandatos, prisões, mortes, exílios, aniquilamento da consciência popular, o medo da própria sombra, a proibição de eleições, de partidos, de associações. Era preciso, pensavam os detentores do poder, apertar mais, pois o inimigo não vem só de fora. Ele se instala dentro de casa. É necessário combatê-lo com todas as armas. E nisso, os irmãos se tornam inimigos e os cidadãos suspeitos de intriga contra o Estado. A liberdade, entretanto, não pode ser aprisionada nem em cadeias, nem em Atos Institucionais. Ela voa alto porque está no coração de cada homem. Já em 1967 começam a aparecer os combatentes da liberdade. É o povo, em especial o trabalhador, o estudante, a dona-de-casa, que não suportam a escravidão. E eles vão às ruas. E pedem liberdade. Querem viver. O governo, temeroso, acusa-os de comunistas, de infiltração. Mas sacra-os com suas tropas e muitos morrem de braços com a cruz de Jesus, numa viva demonstração de que sua luta vem de outra inspiração que não daquela da foice e do martelo!

Não funcionando a persuasão, apela-se para a força. A 13/12/68, o governo militar edita o mais famoso de seus atos institucionais — de nº 5. Este praticamente suspende a Constituição e permite ao Presidente fechar

o Congresso, legislar sem peias e o autoriza a reabrir as cassações, demissões, confiscos e demais punições sumárias sem apreciação judicial.

A 17/10/69 a junta militar, que governa durante o impedimento de Costa e Silva, baixa a Emenda Constitucional nº 1, reformulando a Constituição de 1967 e incorporando todos os atos constitucionais anteriores, inclusive o de nº 5, com poderes para suspender a própria Constituição.

Somente em 17/12/68 o General Ernesto Geisel, pela Emenda Constitucional nº 11, revogou o Ato Institucional nº 5 e promoveu alguma reforma na Constituição (em vigor desde 1º de janeiro de 1979), assegurando, porém, ao Presidente poder de arbítrio. No fundo as mudanças são poucas.

CONCLUSÃO: A 3 de maio de 1823, no Rio de Janeiro, D. Pedro I, diante da Assembléia Constituinte empossada após a Independência, declarou aprovar a Constituição em preparo se ela “fosse digna do Brasil e de mim”. Apenas revelou a sobrevivência em nosso País da concepção feudal de que o governante era o guia perpétuo da nação sob a inspiração celeste. Hoje as coisas mudaram. O povo aprendeu que tem força, quando luta unido. Sabe que existem muitas coisas a serem conquistadas. A maior de todas é a consciência lúcida, crítica e poderosa de que é ele quem deve falar e agir. É na casa de cada cidadão que se passam os verdadeiros interesses: é ali que a mãe e o pai sofrem por não ter o que comer, por não ter onde trabalhar, por não ter onde plantar. É ali que padecem o frio e a fome. É ali que nascem e que morrem. É ali, pois, que deve começar a democracia. É ali o lugar onde as pessoas devem se reunir para se descobrirem e descobrir o seu poder.

Não é lícito que um grupo que, já satisfeito pela comilança, se esbalde ainda mais, colocando os seus interesses na Carta Magna. Ela deve ser feita pelo povo. Em especial pelos mais pobres, por aqueles que são a maioria neste País. Aqueles que morrem pouco a pouco pela inanição e pela miséria. A nova Constituição deve vir como o eco dos anseios populares. Aqueles que estão no fundo do coração e do estômago. •

SIM, EU TAMBÉM VOU SER PADRE



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria.

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

PADRES DE SION

INFORMAÇÕES

Secretariado Vocacional de Sion

Rua Lino Coutinho, 444

Fone: (011) 63-7489

04207 - São Paulo, SP

"Corpo a Corpo"

Rosana Costa Chrispim

Tanto o bem como o mal estão no homem - não existe alguém que seja totalmente mau ou totalmente bom, e essas duas forças se medem, CORPO A CORPO, no homem, desde a criação.

O conflito entre o bem e o mal tem sido o grande dilema da humanidade. Muito se tem falado, discutido e escrito sobre este tão vasto tema sob várias óticas e épocas sem que o assunto se desgaste. Na verdade, tanto o bem como o mal estão no homem — não existe alguém que seja totalmente mau ou totalmente bom, e essas duas forças se medem, CORPO A CORPO, no homem, desde a criação.

A novela do horário nobre global, 8 da noite, se alicerça exatamente na relatividade da relação bem-mal. A trama está calcada na projeção que Eloá (Débora Duarte) consegue profissionalmente através de um sugerido pacto com o diabo para dar vazão à sua ambição, criando, assim, uma insustentável distância do marido Osmar (Antônio Fagundes), engenheiro como ela, mas não ambicioso. As vidas dos personagens se entrelaçam com o levantamento de situações que vivemos no cotidiano. A trama do diabo que assusta Eloá e, aparentemente, põe fim ao seu casamento nada mais é que um ardid de Teresa (Glória Meneses) — abandonada por Osmar dezoito anos antes, grávida — para se vingar da humilhação sofrida. No entanto, o que se quer discutir com esse contexto é a incapacidade das pessoas de se relacionarem francamente e de cultivarem sentimentos edificantes como o amor puro e simples.

Positivos, em toda a novela, há muitos pontos que devem ser ressaltados. A questão do preconceito racial, amplamente explorada com o

Débora Duarte, Eloá em "Corpo a Corpo".



namoro entre o filho de um grande industrial e uma arquiteta negra, mostra que no Brasil a segregação pela cor é tão grande quanto em qualquer país, ainda que não declaradamente. A questão sempre discutida das dificuldades no relacionamento pais e filhos que, quando não são superprotegidos e mimados, são subestimados, tornando-se, tanto uns como outros, rebeldes e problemáticos. A questão do dinheiro, "todo-poderoso", capaz de, conforme a manipulação, interferir na vida das pessoas, ditando até mesmo normas dentro de um determinado grupo social. A questão da garra e da luta para garantir a sobrevivência dos menos favorecidos, quando a casa não resiste a muitos dias de chuva forte. E é nesse meio que se contrapõe aos aspectos positivos a ambição desmedida, que não respeita os sentimentos das pessoas; a falta de escrúpulos para se atingir um objetivo; a pobreza de espírito de pessoas que julgam serem os bens materiais o objetivo último da vida. As pessoas pensam que

se podem manipular os sentimentos humanos impunemente.

O autor parece colocar que o inferno é aqui e agora e que as provocações não são poucas. A luta pelo poder parece não considerar o Juízo Final, e a crença de que o que aqui se faz, aqui se paga, parece ser do domínio dos homens. No entanto, nem tudo é imutável. A personagem Teresa personifica isso. Após conseguir a separação do casal que provocou sua infelicidade, usando as pessoas para atingir sua meta e prejudicando outras, inocentes, ela se dá conta de que de nada lhe valeram seus atos acobertados por uma imagem de bondade e desprendimento. As desgraças começam a ocorrer à sua volta e a atingir a tal ponto, que ela própria acredita estar sendo vítima do diabo e se dispõe a expiar todas as suas culpas perante a sociedade.

A novela parece longe de terminar e, segundo o gênero novelesco, muita coisa ainda pode acontecer e muita coisa ainda pode mudar. Afinal, é sempre tempo...

1. As questões abordadas são importantes? Por quê? Que outras questões essa novela aborda que não foram citadas aqui?
2. A necessidade de progredir e subir na vida seria um bem, um mal ou seria relativo? Por quê?
3. Até que ponto o diabo tem poder para interferir na vida das pessoas? Como esta novela apresenta essa verdade?

AMOR -

sem ele, nada funciona

“Pelo Amor que tiverdes uns para com os outros, todos reconhecerão que sois meus discípulos”.

Todos precisamos de amor para viver. Desde uma criança pequena de 2 a 3 anos, que se torna de repente indisciplinada e malcriada. Pode pesquisar porque vai encontrar falta de amor.

Um menino de 6 anos se sente desprezado pela chegada da irmãzinha, e pode começar com um péssimo comportamento como roubar, por exemplo. Um pouco de amor e atenção, concerta.

O adolescente que se vira contra os pais, numa rebeldia incrível: uma boa pesquisa mostra carência de amor.

O amor por si só não cura mas ele é a chave: abre os corações e esclarece e ilumina. A criança de qualquer idade, se não receber amor dos pais em doses maciças, não se sentirá feliz, nunca.

Há famílias que não se acostumam a dizer aos filhos que os amam; mas eles querem e precisam ouvir isso. Convém fazer um esforço. Experimente.

As crianças são incrivelmente abertas. Elas sentem quando as pala-

vas são vazias. Nossos atos falam alto e a elas não basta ouvir. Querem ver e sentir o interesse!

Todo o tempo que o pai vai gastar agradando os filhos, será muito bem aproveitado. Não basta a sua presença física fria. Um pouco de atenção interessada do papai e da mamãe muda o humor das crianças. Agora, por exemplo, pare de fazer o que estiver fazendo e olhe para seu filho. Ouça com atenção o que ele está tentando contar. Ouça, participe das atividades que eles acham tão importantes.

Conheço um pai que tem um sistema muito especial com cada filho. Num dia da semana, quarta ou quinta-feira à noite, o seu compromisso é com o filho mais velho. Saem os dois sozinhos, vão jantar no clube, depois vão andar pelo jardim, conversando. Outros dias preferem ficar em casa, ficam na sala ou no quarto do garoto, conversando, lendo ou montando um quebra-cabeça. Esse trabalho de aproximação e conquista só pode ser feito antes da primeira namorada.

O amor é percebido mais pelas qualidades do que pela quantidade de tempo gasto pelos pais na companhia deles. É importante ouvir com atenção. Quem ama, ouve o que o outro quer dizer. A atenção deve ser total sem dividir, nem interromper. Essa atenção revela amor e interesse por parte do ouvinte.

Você, “papai jovem”, que se queixa do afastamento do júnior, experimente algumas dessas idéias para conquistá-lo. Essas atitudes podem salvar um relacionamento pela vida inteira, não só na medida em que você os ame, mas na medida em que eles percebem e sentem esse amor que é devotado a si mesmos.



Chá com laranja

Coloque no bulê 2 colherinhas de chá e uma colherinha de casca de laranja ralada. Despeje água fervendo e tampe por 2 minutos. Mexa bem ecoe. Sirva quente ou gelado, neste caso coando sobre cubros de gelo.

Suflê de queijo Maricê

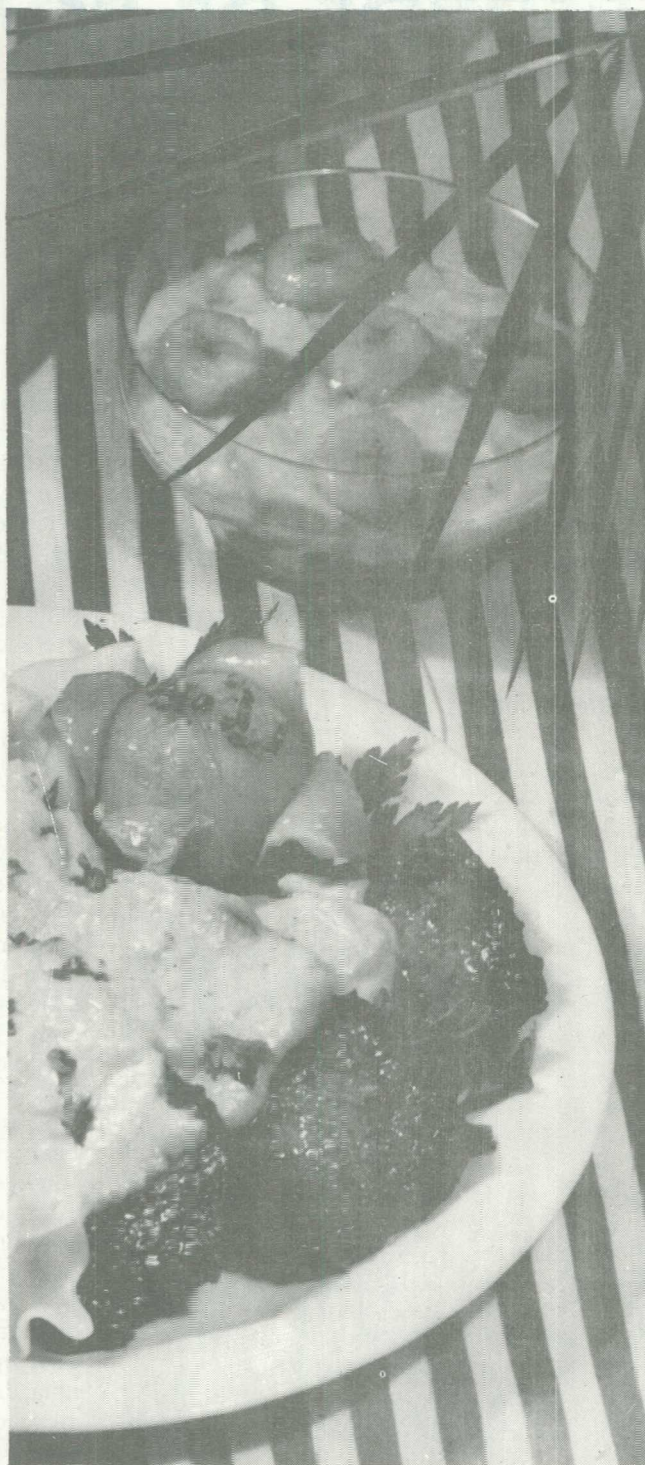
1/2 xícara de manteiga
4 ovos
2 xícaras de pão picado
1 xícara de leite
1/2 xícara de queijo parmezão
1/4 de colherinha de sal
1/8 de colherinha de noz-moscada.

Pique em pedacinhos a manteiga e bata no liquidificador com as 4 gemas, até ficar crescido e ligado. Meça 2 xícaras de pão francês, (sem a casca), misture 1 xícara de leite e 1/2 xícara de parmezão ralado, misture o sal e a noz-moscada ralada. Despeje sobre a mistura de gemas com manteiga e bata mais um pouco, até ficar uma bonita massa lisa. Em separado bata as claras em neve com 1/4 de colherinha de sal e junte a massa com movimentos leves.

Leve ao forno regular, pré-aquecido, em forma sem untar e em banho-maria, com a água já fervendo. Deixe durante 40 minutos.

Almôndegas de castanha-do-pará

1 xícara de castanhas picadas
2 xícaras de pão integral bem esmalhado



1/2 cebola p cada
sal, salsa, cebolinha,
azeitona, etc
2 ovos batidos
1 xícara de cenoura
ralada
1 xícara de tomate batido
no liquidificador.

Misture bem todos os ingredientes. Forme os to-

linhos no feitio de almôndega, a-rume numa forma refractária, cubra com molho de tomate engrossado com um pouco de maizena. Leve ao forno médio para assar, durante aproximadamente 40 minutos.

Nota: Atenção, vegetarianos: Uma delícia!

Glacê de amendoim

1/2 xícara de açúcar
1 xícara de açúcar douradinho ou rapadura ralada
1/2 xícara de creme de leite (sem soro)
6 colheres de creme de amendoim.

Misture os 3 primeiros ingredientes em uma panela. Leve ao fogo brando, misture e deixe sem mexer até o ponto de bala mole. Tire do fogo, espere esfriar um pouco e junte o creme de amendoim. Bata um pouco e use morno, conservando a panela dentro de outra com água quente, para não endurecer enquanto estiver espalhando no bolo.

Biscoitinhos da sorte

(com bilhetinhos dentro)

1 1/4 de xícara de manteiga
1 xícara de açúcar
2 ovos
3 1/2 de farinha de trigo
1/2 colherinha de essência de amêndoa.

Bata a manteiga com o açúcar, até ficar clara e fofo. Acrescente os ovos, um a um. Junte a farinha aos poucos, batendo bem. Junte essência de amêndoa. Ponha às colheradas numa assadeira sem untar. Escreva pensamentos bem escolhidos, de acordo com o tipo de convidados (românticos ou humorísticos), embrulhe cada um num quadradinho de papel alumínio e enfie dentro de cada docinho, deixando uma pontinha de fora. Asse, em forno quente 220°, cerca de 8 minutos. Dá 4 dúzias.

OS PEDROS DE ROMA

Diacono Aury Azélio Brunetti



Dia 29 de junho é a festa de São Pedro, o pescador da Galiléia que Jesus constituiu Príncipe dos Apóstolos e Seu vigário na terra, pedra fundamental, rocha-alicerce e primeiro Sumo Pontífice da Sua Igreja.

Pedro — O primeiro Papa

Primeiro bispo de Roma e primeiro Papa da Cristandade, a missão do Apóstolo Pedro perpetua-se na pessoa de cada um de seus sucessores na Sé Apostólica — os outros Pedros de Roma, os papas, eles também bispos de Roma e Sumos Pontífices da Igreja de Cristo. Quem garante essa perenidade é Aquele mesmo Filho de Deus e Filho do Homem que fundou a Sua Igreja e lhe fez esta confortadora promessa: “Eu estarei convosco até o fim dos tempos!” (Mt 28,20).

“Ego sum Petrus!”

Certa vez, para dirimir perplexidades e para reafirmar sua primazia entre todos os bispos do mundo, o saudoso papa Paulo VI exclamou, com firmeza: “Ego sum Petrus! Eu sou Pedro!”

Em outras palavras: “Servus servorum Dei! Servo dos servos de Deus!” Este será sempre o carisma de todos os *Pedros de Roma* — os papas: servir à unidade da Igreja universal, custodiando e promovendo a continuidade e a integridade da pregação do Evangelho de Cristo.

João Paulo II

No dia 29 de junho, os católicos festejam também o atual bispo de Roma, Karol (Carlos) Wojtyła, o papa João Paulo II, que passará à História como o Peregrino da Paz e da Fraternidade entre os povos. Ele tem viajado missionariamente como o Apóstolo Paulo e vem dirigindo a Igreja de Cristo como o Apóstolo Pedro, tendo já, à imitação também desses dois Apóstolos, derramado um pouco de seu sangue ali mesmo, junto à colina do Vaticano, onde o primeiro Papa deu sua vida pela Fé em Cristo e onde repousam as suas preciosas relíquias, assim como as do Apóstolo Paulo e de tantos outros mártires e santos do cristianismo.

Este apostólico papa polonês, com seus 65 anos de idade e 7 de papado, iniciou seu pontificado em 22 de outubro de 1978, no mês das Missões e do Rosário, que ele tanto preza e reza, e vem seguindo as pegadas de seus predecessores na Sé Apostólica, sobretudo as dos saudosos Pontífices João XIII e Paulo VI. Editou o novo Código de Direito Canônico, publicou três encíclicas, viabilizou o importante acordo argentino-chileno sobre a questão da soberania do Canal de Beagle e, com invulgar cultura humanística, filosófica e teológica e raro domínio de idiomas, vem exercendo, com profundidade e abrangência pouco vistas, o magistério apostólico, “confirmando na Fé os muitos irmãos” (Lc 22,32), na Urbe e no Orbe.

Até hoje, 262 Papas

Quem percorrer o caminho de volta, recapitulando a história do papado até os primórdios da Sé Apostólica plantada por Pedro na colina do Vaticano, terá a seqüência de todos os 262 Sumos Pontífices Romanos, começando por João Paulo II, precedido por João Paulo I, Paulo VI, João XXIII, Pio XII... e por outros muitos papas... até chegar aos quatro primeiros Sumos Pontífices da cristandade: São Clemente I, São Cleto, São Lino e o apóstolo Pedro... e Jesus Cristo, o Divino Fundador da Igreja de Deus.

Com João Paulo II — 262º papa a ocupar a Cátedra de Pedro, a Igreja de Cristo chega ao limiar do terceiro milênio da sua existência. Que outra Instituição já alcançou, ininterruptamente, tamanha longevidade?

O Papa — Sinal da unidade

Nesta hora difícil da História, mais do que nunca é necessária a presença do Papa como sinal visível da unidade. É preciso viver e praticar a fé católica, “cum Petro et sub Petro. Com o Papa e sob a sua guia!” Sobretudo, ante o constante perigo de desvios dos pluralismos de grupos e de novas experiências locais e regionais; ante os pluralismos ideológicos, teológicos e litúrgicos, que podem,

por um lado, enriquecer a Igreja, mas, por outro, podem também colocar em perigo a verdadeira Fé.

Eis por que se torna imperiosa a necessidade de uma autoridade suprema que una todos os fiéis. Essa autoridade é o Papa, sucessor de Pedro, em quem Cristo, Pastor Eterno, “instituiu o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade de fé e comunhão” (Lumen Gentium, 18). Por isso, o Concílio Vaticano II “propõe, para ser criada firmemente por todos os fiéis, esta doutrina sobre a instituição, perpetuidade, força e razão do sacro primado do Romano Pontífice e sobre seu infalível Magistério” (id., ib.).

Ponto de convergência, sinal visível da unidade doutrinária e guardião da Fé, o Papa exerce, em nome de Cristo, a missão de ensinar e orientar com segurança em matéria de fé e de costumes.

Os santos — São João Bosco, Santo Antônio Maria Claret e muitos outros — sempre tiveram não só respeito, não só amor filial ao Papa; mas, como ensina o teólogo Pe. William Faber, até mesmo uma espécie de veneração pelo Papa, “il dolce Cristo nella Terra”.

Óbolo de S. Pedro — Gesto concreto

No *Dia do Papa* (30/6), em todas as missas, são recolhidos os donativos para o Óbolo de S. Pedro, ou seja, para o atendimento das necessidades materiais e pastorais da Sé Apostólica, em Roma. São recursos destinados a apascentar melhor todo o Rebanho de Cristo, ou seja, toda a Sua Igreja, no mundo inteiro, particularmente as missões.

Pedro — Pescador

Ao comemorar S. Pedro — antes de ser Apóstolo, ele foi um humilde pescador da Galiléia — a cristandade homenageia também os homens todos do mar e dos rios, os pescadores profissionais (o *Dia de São Pedro* é também o *Dia do Pescador*), por serem eles lembranças vivas do trabalho e do ganha-pão daqueles humildes galileus, que Jesus transformou em pescadores de almas: “Vinde, e eu vos transformarei em pescadores de almas” (Mc 1,17s).

NA PAZ DO SENHOR

No dia 28/2/85 Godofredo B. Neves da Rocha. Em São João Del Rei, MG, Niquicídio Pereira dos Santos aos 14/2/85, Edmundo Lanna aos 26/5/84, Abigail Aparecida de Paiva Silva. Em São Carlos, SP, Ângela Zanim Duvra aos 19/9/84, Tereza Razza aos 17/10/84, Deolindo Souza Bueno aos 22/6/84. Em Santo Ângelo, RS, Umbelina Weinert aos 6/6/84 e o 15º aniversário de falecimento de Henrique Emílio Weinert aos 12/10/84. Em Santos, SP, Joaquim Pavanelli aos 11/10/84, Gito de Lima Tucunduva aos 15/9/84. Em Itapetininga, SP, Pedro Munhos Soares aos 10/3/84. Em Barra do Piraí, RJ, Ercília Rosa, representante da Revista AVE MARIA, aos 10/10/84. Em Monte Alegre do Sul, SP, Osmídia Teixeira Seguisse aos 6/10/84.

AGRADECEM FAVORES

Maria Stella B. de Oliveira por intermédio do Divino Espírito Santo e pela graça de Deus. Ilda Faria por intermédio do Divino Espírito Santo.

ASSINANTES EM FESTA

Parabéns ao casal Joffre Raphael dos Santos e Angelina da Silva Santos pela comemoração de suas bodas de ouro matrimonial no dia 22/5/85

VOCÊ QUER SEGUIR-ME?

SENHOR QUE QUERES QUE EU FAÇA?

Deus precisa de você para continuar seu plano de AMOR em favor dos homens. Este plano iniciou-se com JESUS CRISTO... VOCÊ! que gosta de tudo que é belo, Ama a Vida... gostaria de colaborar com Deus?

Inspirada em São Francisco de Assis levando a PAZ e AMOR ao mundo de hoje.

Venha viver conosco e juntas buscaremos os interesses do REINO DE DEUS.

Escreva-nos

IRMÃS FRANCISCANAS
DA IMACULADA
CONCEIÇÃO DE LIPARI

Rua Dias da Costa, 624
Caixa Postal 86

Fone: (016) 651-1901
14.140 — CRAVINHOS — (SP)

A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

Hugo Giuriatti

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

14º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 7/7/85

UM PROFETA SÓ É DESPREZADO EM SUA PÁTRIA



1ª LEITURA: *Ez 2,2-5*. Este texto faz parte da história da vocação de Ezequiel. Ele é um profeta, isto é, um homem solidário com as fraquezas e desgraças do povo, enviado a transmitir e interpretar a vontade de Deus, transformando-a em palavras compreensíveis aos homens. A vocação nasce-lhe pela percepção da glória e santidade de Deus, que o deixara prostrado. A percepção, porém, comunicou-lhe uma nova força e consciência que o fez entrar na escuta de Deus em

pé, isto é, impeliu-o compulsivamente a realizar uma ação: denunciar o pecado do povo (2,1-3). O povo reage ao profeta. O povo está apegado à visão curta, interesseira; por isso desconfia e não aceita o profeta, pois é soberbo.

O que importa é que o profeta realize a sua missão: falar o que Deus quer comunicar ao povo, dando-lhe a chance de tomar consciência, mudar e salvar-se.

2ª LEITURA: *2Cor 12,7-10*. Constrangido a fazer a própria defesa para conservar seus direitos, o Apóstolo recorda as graças com que Deus o cumulou, mas também acrescenta, com simplicidade, uma referência à provação que o impede de tornar-se orgulhoso e auto-suficiente. Paulo mostra-nos a dificuldade: fraquezas, ultrajes, necessidade, perseguições e angústias por causa de Cristo. O espírito do Apóstolo são conseqüências do próprio apostolado, do serviço à causa de Jesus Cristo.

EVANGELHO: *Mc 6,1-6*. Jesus vai abalando e transformando o nosso modo de compreender e de viver. Enquanto isso os Doze, passo a passo, se distinguem como família de Jesus pelo critério da fé. E o fato de ir seguido pelos discípulos mostra bem que não é uma visita familiar, mas de ministério. E no ministério Jesus é rejeitado pelos seus próprios concidadãos de Nazaré. Quem é este homem que abala nossas categorias? Quem lhe concedeu a sabedoria para ensinar e o poder para fazer milagres? A perplexidade os leva bem perto do mistério: Deus está invisivelmente presente em Jesus, manifestando-se através da sua palavra e ação.

COMENTÁRIO: Os contemporâneos de Jesus tentavam compreendê-lo, enquadrando-o nas conhecidas categorias sociais. Tropeçam; sim, tropeçam porque o que vêem não confere com o que sabem dele e, ao mesmo tempo, não querem questionar o modo de julgar as pessoas, cuja importância é classificada conforme a profissão, origem, berço familiar, parentesco, relações sociais, etc... Não são capazes de admitir uma novidade para além de tudo isso, embora cheguem muito perto dela. Jesus seria como um profeta, tendo o mesmo destino (v. 4). A função do profeta é justamente anunciar a palavra e indicar a ação de Deus.

Não queremos nós também enquadrá-lo nas idéias ou categorias que trazem o fechamento à sua novidade. Não é o que costumamos fazer com as pessoas, principalmente as mais próximas, rotulando a sua identidade ao que dela conhecemos e às categorias com que as classificamos? Rótulos e classificações testemunham apenas a nossa insegurança e fechamento diante das pessoas. E não basta fazer uma leitura do Evangelho, e estamos capacitados. Os seus compatriotas também o ouviam e não o acompanharam: é preciso agir como ele. Quem não experimenta fazer o que ele pede, não conseguirá nunca entendê-lo. Em religião nada pode suprir a experiência. Quem não vive, não tem por onde medir o que se diz, nem como compreender o que foi sentido.

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 14/7/85

"EVANGELIZAR É CONTINUAR A MISSÃO DE JESUS CRISTO"



1ª LEITURA: *Am 7,12-15*. Temos aqui um confronto entre o sacerdócio oficial, ligado às instituições, e o ministério profético suscitado diretamente por Deus, e por isso livre frente a qualquer poder, político e religioso. Amós percebera que a situação político-social de Israel era crítica e anunciara o inevitável fim.

Pois, decidam os homens o que quiserem e dirijam a história para a direção que o desejarem; contudo, com maior ou menor dramaticidade, cedo ou tarde é a vontade de Deus que vai se realizar. E o profeta compreende isso e tenta levar os homens a compreenderem e entenderem a linha dessa vontade.

2ª LEITURA: *Ef 1,3-14*. Este texto apresenta-se como um grande hino de louvor que celebra a graça de Deus, que projetou e realizou o seu Desígnio. E Deus tem o seu Desígnio, e a história é o lugar teológico em que ele o concretiza. E este Desígnio se concretizou e tornou-se conhecido através de Jesus Cristo.

EVANGELHO: *Mc 6,7-13*. O Desígnio de Deus já se revelou e concretizou-se na História através da pessoa e missão de Jesus. Pessoa e missão que continuam presentes e atuantes em seus discípulos, na comunidade cristã que, enviada por Jesus Cristo, percorre o mundo e a história, reunindo a nova humanidade para a verdadeira vida. O evangelista aqui concentra a consciência da comunidade primitiva, que interpretou a consciência da missão de Jesus e a adaptou ao seu tempo e problemas. Encontramos no texto: a ordem de missão (v. 6); a exortação; o espírito da missão (vv. 8-11) e a execução (vv. 12-13).

COMENTÁRIO: Ninguém pode desprezar um profeta legítimo. Desconhecê-lo ou prescindir dele, é ocultar para si a sua própria vocação. Quando um profeta verdadeiro nos convoca, ele está apenas nos orientando para a realidade que é nossa, o rumo de Deus para nós. E quanto cuidado não se deve ter para não confundir os profetas verdadeiros com os interesseiros que apenas nos dizem o que nos agrada... e que ganham foros de profetas entre nós porque dizem apenas o que agrada...

Nem sempre o profeta está fora de nós. Na construção da história responsável, Deus muitas vezes prefere falar do interior. Nossa consciência é a maior fonte de conhecimentos e de experiências de nossa vocação. Cada homem tem de buscar por si e em si qual o plano de Deus em sua vida: podemos viver em conjunto mas nunca seremos apenas objetos na vida. Nossa responsabilidade pessoal é intransferível e indispensável como sujeito da vida e da história, tanto individual como da sociedade. O cristão tem uma responsabilidade a mais: até como comunidade ele deve ser uma mensagem profética de Deus à humanidade. Homem novo, deve ser modelo de realização do plano de Deus: "Ide e ensinai..."

Muitos são os homens e mulheres que Deus chama para ser profeta; personagens admiráveis como: um Martin Luther King, um Gandhi, um João XXIII, uma Madre Teresa de Calcutá, um Dom Oscar. Estes são nomes conhecidos de todos e que permitem ver que o homem é muito grande ou pode sê-lo.

16º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 21/7/85
A VOLTA DOS APÓSTOLOS



1ª LEITURA: *Jr 23,1-6.* Preocupado com a consequência de maus pastores, Jeremias anuncia o fim do Reino de Judá e o corte da dinastia real de Davi. Ao invadir Jerusalém em 598 a.C., Nabucodonosor deporta o rei Joaquim e as classes dirigentes para a Babilônia, colocando como rei em seu lugar a Matanias, tio de Joaquim, mudando-lhe o nome para Sedecias. Este é, porém, um vassalo dependente do poder de Nabucodonosor. Jeremias diz que a culpa

é dos pastores que espoliaram e extraviaram o povo, em vez de defendê-lo dos inimigos e dirigí-lo para a consecução do bem comum, governando-o conforme a justiça e o direito; antes, preocuparam-se apenas consigo mesmos e os próprios interesses.

2ª LEITURA: *Ef 2,13-18.* A idéia central deste trecho é a unidade trazida por Cristo. A afiliação pelo sangue de Cristo. Somos homens novos. Cristo quebrou a distância e as divisões entre os homens através do testemunho de sua vida voltada para todos, o que se manifestou completamente pelo sangue derramado na cruz (v. 13.16). Dando a sua vida em favor de todos, Jesus cumpriu a Lei que fundava as distinções entre os homens e abriu caminho para o encontro e a reunião dos homens dentro de uma nova compreensão e ação, a própria compreensão e ação de Jesus que funda o homem novo.

EVANGELHO: *Mc 6,30-34.* No domingo passado o Evangelho nos apresentava o envio dos doze apóstolos; e neste domingo nos apresenta a volta e o reencontro com Jesus, que os convida para o descanso. Aparece pela 1ª vez a palavra Apóstolos, que não se refere a um título oficial, mas é uma indicação de sua atividade de “enviados, mensageiros”. Nota-se que os discípulos vão tomando cada vez mais presença e importância no relato de Marcos, porque aos poucos vão sendo introduzidos no ministério de Jesus. Eles voltaram da missão onde agiram e ensinaram como Jesus, investidos com a sua própria autoridade.

COMENTÁRIO: A situação atual do povo oprimido não é diferente daquela do tempo de Jeremias, em que o povo estava oprimido, defraudado, espoliado e disperso por causa do desinteresse dos chefes, preocupados consigo mesmos. Contudo, onde é que este povo vai encontrar um pastor que se compeça da sua situação, ensinando-o a viver e a lutar pela justiça e pelo direito, a fim de ter uma vida digna do nome de humana? Em Jesus Cristo os homens encontram o espelho das suas situações e o caminho para uma vida humana autêntica, quebrando as barreiras que impedem o encontro gerador dos confrontos e conflitos que revelam e concretizam os caminhos para a construção da Nova Humanidade.

Reconhecendo a política como fenômeno humano honroso e necessário, a Bíblia critica os maus políticos (é o que está na primeira leitura deste domingo) e aponta Jesus como modelo do homem a ser eleito como político: o que está sempre a serviço do povo, esquecendo-se de si próprio (é o que nos diz o Evangelho). É verdade que Jesus negou-se a tornar-se um rei político como dele esperavam muitos judeus (Jo 6,15; 18,33-37), mas sua proclamação da lei do serviço, imposta aos discípulos, deu-nos um novo modelo de autoridade e de política. E pela maior força de poder de ação que lhes é posta na mão, os políticos terão maior responsabilidade (Mt 25,14-30) e também serão julgados pelo que tiverem feito ao próximo.

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 1 de julho — Segunda-feira: 1ª Leitura Gn 18,16-33, Evangelho Mt 8,18-22; **Dia 2** — 3ª-F.: 1ª L. Gn 19,15-29, Ev. Mt 8,23-27; **Dia 3** — 4ª-F.: 1ª L. Ef 2,19-22, Ev. Jo 20,24-29; **Dia 4** — 5ª-F.: 1ª L. Gn 22,1-19, Ev. Mt 9,1-8; **Dia 5** — 6ª-F.: 1ª L. Gn 23,1-4.19; 24,1-8.62-67, Ev. Mt 9,9-13; **Dia 6** — Sáb.: 1ª L. Gn 27,1-5.15-29, Ev. Mt 9,14-17; **DOM.**; **Dia 8** — 2ª-F.: 1ª L. Gn 28,10-22a, Ev. Mt 9,18-26; **Dia 9** — 3ª-F.: 1ª L. Gn 32,22-32, Ev. Mt 9,32-38; **Dia 10** — 4ª-F.: 1ª L. Gn 41,55-57; 42,5-7a.17-24, Ev. Mt 10,1-7; **Dia 11** — 5ª-F.: 1ª L. Gn 44,18-21.23b-29; 45,1-5, Ev. Mt 10,7-15; **Dia 12** — 6ª-F.: 1ª L. Gn 46,1-7.28-39, Ev. Mt 10,16-23; **Dia 13** — Sáb.: 1ª L. Gn 49,29-32; 50,15-24, Ev. Mt 10,24-33; **DOM.**; **Dia 15** — 2ª-F.: 1ª L. Ex 1,8-14.22, Ev. Mt 10,34-11-1; **Dia 16** — 3ª-F.: 1ª L. Ex 2,1-15, Ev. Mt 11,20-24; **Dia 17** — 4ª-F.: 1ª L. Ex 3,1-6.9-12, Ev. Mt 11,25-27; **Dia 18** — 5ª-F.: 1ª L. Ex 3,13-20, Ev. Mt 11,28-30; **Dia 19** — 6ª-F.: 1ª L. Ex 11,10-12,14, Ev. Mt 12,1-8; **Dia 20** — Sáb.: 1ª L. Ex 12,37-42, Ev. Mt 12,14-21; **DOM.**; **Dia 22** — 2ª-F.: 1ª L. Ex 14,5-18, Ev. Mt 12,38-42; **Dia 23** — 3ª-F.: 1ª L. Ex 14,21-15,1, Ev. Mt 12,46-50; **Dia 24** — 4ª-F.: 1ª L. Ex 16,5,9-15, Ev. Mt 13,1-9; **Dia 25** — 5ª-F.: 1ª L. 2Cor 4,7-15, Ev. Mt 20,20-28; **Dia 26** — 6ª-F.: 1ª L. Ex 20,1-17, Ev. Mt 13,18-23; **Dia 27** — Sáb.: 1ª L. Ex 24,3-8, Ev. Mt 13,24-30; **DOM.**; **Dia 29** — 2ª-F.: 1ª L. Ex 32,15-24.30-34, Ev. Mt 13,31-35; **Dia 30** — 3ª-F.: 1ª L. Ex 33,7-11; 34,5b-9.28, Ev. Mt 13,36-43; **Dia 31** — 4ª-F.: 1ª L. Ex 34,29-35, Ev. Mt 13,44-46.

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 28/7/85
JESUS É O VERDADEIRO PÃO



1ª LEITURA: *2Rs 4,42-44.* A oferta do homem de Baalsalisa era uma oferta de primícias, isto é, os pães tinham sido feitos com os primeiros frutos da colheita e as espigas eram recém-colhidas. Estes primeiros frutos da colheita, bem como os primogênitos dos rebanhos, eram um símbolo de toda a colheita e rebanho e deviam ser oferecidos a Javé, como sinal da gratidão e do reconhecimento de que os bens da vida são de Javé, único Senhor e primogênito da

terra. Tal gesto mantinha o homem consciente de que os bens da vida são para todos os homens e, por isso, uma parte devia ser queimada em holocausto a Javé, ao passo que a outra ficava para os levitas do santuário; e o restante devia ser partilhado entre todos, numa comunhão cheia de alegria. A força do texto está no fato de a palavra de Eliseu dirigir aquela oferta ao povo, porque o que é de Deus (as primícias) pertence afinal ao povo.

2ª LEITURA: *Ef 4,1-6.* Este texto fala-nos da unidade da Igreja. Frente à discórdia e à heresia que ameaçavam a Igreja, o autor frisa que Jesus criou o homem novo, a unidade dos homens na busca do caminho da vida. Exorta os cristãos a viverem coerentemente a vocação cristã, isto é, o compromisso de comportar-se conforme o Espírito de Jesus. O comportamento digno (vv. 2-3) é buscar a unidade e a paz, através da humanidade, mansidão e paciência: “Suportando-vos uns aos outros com amor” (v. 2b). Os vv. 4-6 mostram a base da unidade que exige um comportamento coerente, que não a desfaça, mas promova. P primitivamente eram uma aclamação litúrgica, talvez uma confissão de fé baptismal.

Evangelho: *Jo 6,1-15.* Este é um dos maiores entre todos os milagres de Jesus narrados na Bíblia: a multiplicação dos pães. Trata-se de uma forma ou gênero literário comum, elaborado talvez a partir de um fato simples que comporta um significado profundo. Para não perder de vista o significado, o fato é transmitido em formas cada vez mais coloridas e legendárias. A estrutura de Jo 6 é bastante complexa, mas segue o costume típico do evangelista: narrativas que apresentam um fato como um sinal, seguidas de um discurso que revela o significado profundo que o sinal tem para a vida dos homens.

Jesus não alimenta a “fome humana” de modo completamente independente. Ele assume o que já existe — pães e peixes — “dando graças” ao Pai, que já concedeu estes dons e que “o ouve sempre”.

COMENTÁRIO: Do coração de vários povos da América Latina está subindo ao céu um clamor cada vez mais impressionante. É o grito de um povo que sofre e clama por justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos (Puebla, 87).

Urgia por um povo que pede o Pão da Palavra de Deus e reclama justiça. Colocada na atitude de escuta deste povo profundamente religioso, que coloca em Deus toda a sua confiança, a Igreja vem realizando grandes esforços para dar uma resposta pastoral adequada a esta situação (Puebla, 93). Na atual situação da Igreja na América Latina, o padre anuncia o Reino de Deus, Reino que se inicia neste mundo e chegará à plenitude quando Cristo vier no fim dos tempos. Para servir a este Reino, o padre abandona tudo em seguimento do seu Senhor (Puebla, 692).

Santo Antônio

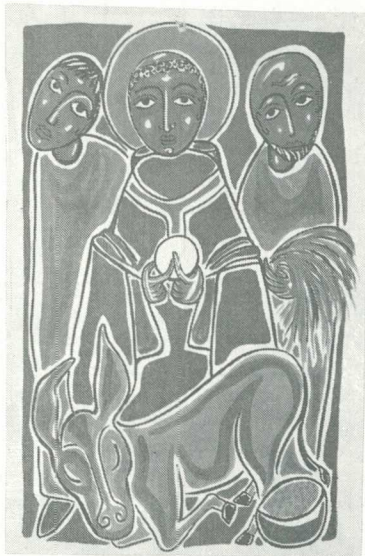
Coronel Lagoa

*Na vida dos santos
há sempre fatos acontecidos que deixam os
fiéis e devotos atônitos, perplexos.*

Na vida de Santo Antônio, um fato me deixou admirado e pensativo: milagre da mula esfomeada ou Milagre Eucarístico.

Tolosa (Toulouse), naqueles tempos, era um baluarte dos albigenses. Esses hereges, entre outras coisas, negavam a presença real de Jesus na Eucaristia! Entre eles, a fração do pão, à mesa, fazia-se por esta forma: reunidos em torno da mesa, dizia-se o Pai-Nosso; o chefe, entretanto, partia um ou mais pães, conforme o número de pessoas presentes, dizendo: “Graças sejam dadas a Jesus Cristo Senhor Nosso, para que permaneça em cada um de vós”, e os distribuía a todos. Mas ninguém crê que, desse pão, se forme o Corpo de Cristo (O 4º Concílio de Latrão/1215 consagra a palavra transubstanciação para determinar o mistério eucarístico).

Antônio permaneceu muito tempo naquela região e converteu muitos deles. Certo dia, diante de uma grande multidão, fez um sermão sobre a Eucaristia: “Um cavalo, disse, “com o freio na boca não consegue comer. O demônio colocou um freio na boca dos homens. Deus nos deu em alimento sua carne para nos alimentar, espiritualmente, mas o demônio, com o freio do pecado, impede os homens de se alimentarem com este divino alimento e lhes apresenta os bens deste mundo. O homem sem fé, como um boi faminto, aproximar-se-á deste alimento terreno, recusando o alimento do céu”. Entre os que o ouviam encontrava-se também Bonvillo, um herege, que não acreditava na Eucaristia! “Olhe, frei Antônio! Escutei esta manhã o seu sermão. Muito me diverti com aquelas palavras sobre o alimento para os cavalos e o alimento para as almas... Mas... eu não acredito mesmo na carne de Cristo. talvez pudesse acreditar se a minha



mula, depois de três dias de jejum, viesse ajoelhar-se diante da Eucaristia, recusando alimento!” E Antônio respondeu: “Aceito a proposta!”

Passaram-se os três dias, de oração para Frei Antônio e de jejum para a mula de Bonvillo. No momento combinado, uma grande multidão reunida esperava, curiosa, para ver um espetáculo extraordinário e inusitado! Nesse dia aprazado, Bonvillo, seguido de numerosos adeptos, nariz espetado no ar, de orgulho, e de grandezas na boca, apareceu na praça pública, conduzindo pela mão o animal esfomeado.

A turba herética, contando com vitória certa, fazia uma alarido dos infernos. O povo, ávido de emoções, sempre dominado pela impaciência e pela curiosidade, se ajunta de todas as partes e avança sobre a praça pública, onde havia uma igreja. Os católicos acusam, talvez, o frade de temeridade; os hereges reúnem-se também, julgam-se seguros, escarnekem, zombam, riem, para, quem sabe, esconder com isto a falta de segurança interior, que se torna menor, quanto mais se aproxima o momento

decisivo, o instante derradeiro.

Frei Antônio passou os três dias em jejuns e outras penitências corporais. Na igreja, Frei Antônio celebra a missa, com uma tranquilidade devota, que assume quase os aspectos de um êxtase. Depois de ter celebrado a santa missa, dirigiu-se para o local do encontro, acompanhado de grande multidão de fiéis que suplicavam o triunfo da causa católica; trazia ele, com todo o respeito e humildade, a Sagrada Hóstia. Aproximando-se do animal, falou-lhe:

“Pela virtude e em nome de teu Criador, que eu, embora indigno, verdadeiramente sustento em minhas mãos, mando-te, ó animal, e obrigo-te a que, imediatamente aproximando-te, reverente, lhe faças a devida adoração; a fim de que, por ela, saibam todos esses depravados hereges que toda a criatura deve estar sujeita ao seu Criador, com quem o sacerdote, pela sua dignidade, freqüentemente trata sobre o altar!” E, fato admirável! A mula deixa de lado a comida, move a cabeça para trás, resiste, vacila um momento sob as patas dianteiras, que se dobram, arrastando todo o corpo com uma queda imprevisível, após o que baixa a cabeça, até ao chão, diante do Santíssimo! Ao silêncio profundo, segue-se um frêmito por toda a multidão. Do lado dos hereges, ouvem-se gritos de protesto e de despeito; do lado dos católicos, ecoam exclamações de alegria, hinos à Eucaristia; vivas a frei Antônio. Este, ajoelhado, adora, humildemente, a Sagrada Hóstia, em suas próprias mãos! *Nesse mesmo instante Bonvillo não hesita, não vacila, dobra os joelhos e, com lágrimas nos olhos, adora respeitosamente a Divina Eucaristia!* Frei Antônio apressa-se em regressar à igreja, devolvendo ao seu devido lugar o Santíssimo Sacramento da Divina Eucaristia, em todo o seu esplendor! Bonvillo não hesita, nem vacila,... — contra fatos não há argumentos! — o feno intacto, a mula prostrada. Ele jamais esquecerá estas imagens. A partir de então, abjura solenemente de seus erros, inicia uma vida nova que o levou a constituir-se apóstolo de sua família, convertendo-a ao catolicismo e erguendo uma capelinha comemorativa de tão insigne prodígio!

FONTES: Ave Maria, Lar Católico e Mensageiro de Santo Antônio

HUMOR

CEBOLINHA - (MAURÍCIO)



— Deve estar apaixonado por mim: cada vez que passo por aqui me faz parar.

(Cattoni)

O PATO - (CIÇA)





Ser Missionário. Por quê?

(João Paulo II responde):
Porque Jesus Cristo quer ter
necessidade dos homens,

- de suas pessoas
- de suas inteligências
- de suas energias
- de sua fé
- de seu amor
- de sua santidade.

Porque Ele quer falar aos homens
com a nossa voz humana.

Porque Ele quer
consagrar a Eucaristia
por meio dos homens.

Porque Ele quer
perdoar os pecados
por meio dos homens.

Porque Ele quer amar
com o coração dos homens.

Porque Ele quer ajudar
com as mãos dos homens.

Porque Ele quer salvar
com os esforços dos homens.

Pense nisto.

Você verá que vale a pena
fazer da vida alguma coisa de
bom; fazer dela um
extraordinário serviço.

É Cristo quem chama!
Ele conta contigo!

Para informações escreva para:

- Seminário Santo Antônio Maria Claret
Tel. (0512) 73-1566 - Cx. Postal, 23
CEP 93250 ESTEIO, RS
- Seminário Claret - Tel. (0195) 24-2048
Cx. Postal, 136 - CEP 13500
RIO CLARO, SP
- Seminário Santo Antônio Maria Claret
Tel. (035) 421-1108 - Cx. Postal, 115
CEP 37550 POUSO ALEGRE, MG

A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

Todos os tipos de gente

O Apóstolo Pedro, distinguido acima dos outros, censurado pelo Mestre mais do que seus colegas e mais mencionado que todos eles. Comunicativo, espontâneo, franco, amigo sincero de Jesus, irrefletido e precipitado, cheio de contradições. Um tipo simpático, porque humano, o porta-voz dos colegas por autonegação. Vejamos as palavras dele:

- Mestre, labutamos a noite inteira sem nada pescar; mas por ordem tua lancarei a rede.
- Afasta-te de mim que sou pecador.
- Senhor (andando por cima das ondas), se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas!
- (Jesus) Vem!
- Salva-me, Senhor! (Mt 14).
- Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo (Mt 16).
- Senhor, a quem havemos de ir? Tu tens palavras de vida eterna, e nós cremos e reconhecemos que és o Santo de Deus (Jo 6).

Pouco depois da profissão de fé e do elogio de Jesus, a intervenção desastrada de Pedro:

- Deus não o permita, Senhor; isto jamais te acontecerá. — E Jesus:
- Afasta-te de mim, Satanás, não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens.

Na Transfiguração:

- Senhor, é bom estarmos aqui; se queres levantarei aqui três tendas, uma para ti, outra para Moisés, uma terceira para Elias.

Na questão do imposto, ele responde em nome do Mestre, sem ser autorizado:

- Como é, o Mestre de vocês paga a dracma?
- Paga, sim. — E Jesus:
- Simão, que te parece? Quem paga imposto? Os filhos dos reis ou os súditos? (Mt 17).

No lava-pés:

- Senhor, tu me lavar os pés?
- O que eu faço, não o entendes agora, mas o entenderás mais tarde.
- Jamais me lavarás os pés!
- Se eu não te lavar, não terás parte comigo.
- Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça!

Antes da negação:

- Ainda que todos se escandalizem em ti, eu jamais me escandalizarei.
- Em verdade te digo, esta noite, antes que o galo cante, me terás negado três vezes.
- Mesmo que tivesse de morrer contigo, não te negarei!

Pedro aprendeu, com as suas cabeçadas, respostas e palavras não pensadas.

Depois da ressurreição:

- Pedro, amas-me mais do que estes?
- Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo.

O apóstolo, tão extrovertido e tão humilde, foi escolhido para chefiar o rebanho. Não o “perfeito” João. O chefe deve ter compreensão pelas fraquezas dos que lhe são confiados.

MISSAL COTIDIANO

Agora, acompanhar os textos da Celebração Eucarística não é um privilégio das Missas Dominicais. Com cerca de 2.300 páginas, o novo Missal Cotidiano pretende ser o livro-base da fé adulta. Aos textos litúrgicos acrescentam-se reflexões e explicações sobre aquilo que se reza, se lê e se comemora diariamente.

Rito litúrgico

- Próprio dos Santos e comuns dos santos.
- Missas votivas, para diversas circunstâncias e pelos mortos.
- Tempo comum (anos pares e ímpares).

Catequese litúrgica

- Introdução a cada livro da Bíblia e sua aplicação na liturgia.
- Explicação exegética das leituras e meditações vivenciais.
- Síntese da vida dos santos.

Cr\$ 110.000, - capa plástica
Cr\$ 130.000, - com zíper
Preço válido até 30/06

missal
cotidiano
missal da assembleia cristã
edições paulinas



EDIÇÕES PAULINAS - Cx. P. 8.107 (01051) São Paulo - SP